

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

34



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2025



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

34

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues



Centro de História da Universidade de Lisboa

2025



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnès García-Ventura (Universitat Autònoma de Barcelona), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Catarina Madeira, Joana Pinto Salvador Costa, Matilde Frias Costa

Revisão Editorial | Copy-Editing

Catarina Madeira, Joana Pinto Salvador Costa, Matilde Frias Costa

Investigadores História Antiga | Ancient History Researchers

Bruno Marques dos Santos, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactional Committee

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnès García-Ventura (Universitat Autònoma de Barcelona), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa Sousa Muccioli (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), João Paulo Galhano (Universidade de Lisboa), Maria Ana Valdez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svärd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Bristol), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa)

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Antonio Loprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Univeristà degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico), Sandra Boehringer (Université de Strasbourg).

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Guilherme Borges Pires (Universidade Nova de Lisboa), Isabel Araújo Branco (Universidade Nova de Lisboa), Isabel Gomes de Almeida (Universidade Nova de Lisboa), José Carlos Quaresma (Universidade Nova de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Katia Maria Paim Pozzer (Universidade Federal de Rio Grande do Sul), Marcel Paiva do Monte (Universidade Nova de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Rodrigo Banha da Silva (Universidade Nova de Lisboa).

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2025

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual



ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P. V. P.: €15.00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon

Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL

Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63

cadmo.journal@letras.ulisboa.pt | <https://cadmo.letras.ulisboa.pt>



This work is financed by national funds through FCT – Foundation for Science and Technology, I.P. in the scope of the project UID/4311/2025. Centre for History of the University of Lisbon. DOI: <https://doi.org/10.54499/UID/04311/2025>.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

07 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

- 09 EL USO MODERNO DEL TEATRO ROMANO DE MÁLAGA:
PERIODIZACIÓN Y APROXIMACIÓN DRAMÁTICA DE LOS FESTIVALES (1959-1987)
Vasileios Balaskas

25 ESTUDOS

ARTICLES

- 27 “ONDE ESTÁ A PRINCESA DA CIDADE?”
Uma Análise Comparativa entre uma Eršema a Bau e as Lamentações
pelas Cidades
“WHERE IS THE PRINCESS OF THE CITY?”
A Comparative Analysis between an Eršema to Bau and the City Lamentations
Gustavo Fernandes Pedroso
- 47 AUTORIDADE FEMININA NA PRÁTICA DE CURA NA ANTIGA ÁSIA OCIDENTAL:
O caso da “Mulher Sábia” nos textos mágico-medicinais hititas
(séculos XIV-XIII a.C.)
*FEMALE AUTHORITY IN HEALING PRACTICES IN ANCIENT WESTERN ASIA:
The case of the “Wise Woman” in Hittite magical-medical texts
(14th–13th Centuries BCE)*
Ana Satiro
- 71 BINARISMO Y FLUIDEZ SEXUAL DEL CREADOR EN LA DECORACIÓN DE
LA FACHADA PTOLEMAICA DEL TEMPLO DE ESNA (ESNA VARIA 2)
*BINARISM AND SEXUAL FLUIDITY OF THE CREATOR IN THE DECORATION OF THE
PTOLEMAIC FAÇADE OF THE TEMPLE OF ESNA (ESNA VARIA 2)*
Abraham I. Fernández Pichel
- 93 METHODOLOGICAL ASPECTS OF THE STUDY OF ARCHITECTURAL
MONUMENTS OF ANTIQUITY IN THE WORLD HISTORIOGRAPHY
Tatiana V. Portnova

111 NOTAS SOBRE UM PROJECTO DE COMUNICAÇÃO DE CIÊNCIA:
O caso do podcast Três Egiptólogos entram num Bar
*NOTES ON A SCIENTIFIC DISSEMINATION PROJECT:
The Três Egiptólogos entram num bar podcast*
Inês Torres, Guilherme Borges Pires & Luiza Osorio G. Silva

153 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

163 RECENSÕES

REVIEWS

285 IN MEMORIAM

293 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES



**ESTUDOS
ARTICLES**

NOTAS SOBRE UM PROJECTO DE COMUNICAÇÃO DE CIÊNCIA:

O caso do *podcast Três Egiptólogos entram num Bar*

*NOTES ON A SCIENTIFIC DISSEMINATION PROJECT:
The Três Egiptólogos entram num bar podcast*

Inês Torres

CHAM/NOVA-FCSH

inestorres@fcsb.unl.pt |  <https://orcid.org/0000-0002-8201-3627>

Guilherme Borges Pires

CHAM/NOVA-FCSH

guilhermepires@fcsb.unl.pt |  <https://orcid.org/0000-0002-3923-5638>

Luiza Osorio G. Silva

University of California, Irvine

luiza.ogsilva@uci.edu |  <https://orcid.org/0000-0003-1848-3445>

proposta: 22/11/2024 | aceitação: 30/07/2025
submission acceptance

Resumo: O presente artigo apresenta o *podcast Três Egiptólogos Entram Num Bar*, o primeiro deste tipo dedicado ao antigo Egipto e à Egiptologia em língua portuguesa. Criado em 2022, o *podcast* tem como objectivo principal disseminar conhecimento egiptológico junto de um público lusófono de forma acessível e descontraída. Com episódios variados que abordam temas como religião, história e arte egípcias, bem como aspectos focados na prática egiptológica — desde a prossecução de uma carreira até ao(s) modo(s) como o campo se tem constituído — o *podcast* visa preencher a lacuna de acesso a informação fidedigna e acessível em português identificada pela comunidade de ouvintes. Para tal, destaca-se o uso do humor e da informalidade como ferramentas para cativar novos públicos e desmistificar a academia, sem comprometer a acuidade e o rigor da informação transmitida. Finalmente, o artigo inclui uma análise quantitativa de dados demográficos sobre os/as ouvintes e respectivas interações, bem como uma abordagem qualitativa, mediante a discussão de exemplos emanados de um diálogo contínuo com a comunidade. Em suma, esta contribuição reforça a importância da acessibilidade e da divulgação da Egiptologia no mundo lusófono.

Palavras-chave: Egiptologia; *Podcast*; Divulgação científica; Mundo lusófono; Comunicação de ciência.

Abstract: This article introduces the podcast *Três Egiptólogos Entram Num Bar (Three Egyptologists Walk into a Bar)*, the first about ancient Egypt and Egyptology in Portuguese. Started in 2022, the podcast's main aim is to disseminate Egyptological content to a Portuguese-speaking public in an accessible format. With various episodes that treat themes including ancient Egyptian religion, history, and art, as

well as topics related to professional Egyptological practice—including not only about Egyptological careers but also about the field at large—the podcast seeks to address the problematic lack of trustworthy information about ancient Egypt in the Portuguese-speaking world. Here we emphasize the use of humor and the informal tone of our conversations as tools to draw in listeners and demystify the academy, without however compromising the academic rigor of the content. Finally, the article includes a quantitative analysis of demographic data about listeners, as well as a qualitative consideration of comments and input that have resulted from a continuous dialogue with a community of listeners. In sum, this contribution emphasizes the importance of the accessibility and dissemination of Egyptology in the Portuguese-speaking world.

Keywords: Egyptology; Podcast; Scientific dissemination; Portuguese-speaking world; Public outreach.

Notas introdutórias

O *podcast Três Egiptólogos Entram num Bar*, concebido pelos/as três autores/as do presente artigo, é o primeiro dedicado ao antigo Egipto e à Egiptologia em língua portuguesa. Iniciado em Fevereiro de 2022, este produto audiofónico forma parte de um projecto mais amplo levado a cabo pelos/as presentes autores/as em parceria com demais colegas egiptólogos/as que visa disseminar a produção académica de cunho egiptológico encabeçada por egiptólogos/as do espaço lusófono, concretamente, em Portugal e no Brasil.¹ A motivação primordial para dar início ao *podcast* decorre de uma observação elementar: pese embora o crescente interesse demonstrado pelo público lusófono a respeito de temáticas egiptológicas, continua a verificar-se uma estrutural escassez de publicações em língua portuguesa - quer de âmbito académico, quer com um intuito de divulgação científica - facto que se vê agravado por uma genérica falta de informação fidedigna sobre o antigo Egipto naquele idioma. Sendo o primeiro e actualmente único do género, este *podcast* - de autoria de três egiptólogos/as - pretende contribuir para colmatar essa lacuna, procurando transmitir conhecimento de actualidade e acuidade científicas de modo informal em língua portuguesa, como mecanismo

1 A este título, importa mencionar que o *podcast* se assumiu inicialmente como uma ramificação de um projecto de divulgação científica na rede social Instagram, patente no perfil @umaegiptologaportuguesa, igualmente vocacionado para a disseminação egiptológica em língua portuguesa. O supra-mencionado projecto é da autoria de Inês Torres, co-autora deste artigo e do *podcast* a que o mesmo se refere.

de resposta à procura crescente por este tipo de conteúdo, como adiante se detalhará. O presente artigo pretende não apenas fornecer uma aproximação ao trabalho desenvolvido no quadro do *podcast*, mas também sublinhar o interesse demonstrado pela crescente comunidade de ouvintes em tal projecto, que, em lugar de ser aqui percebida como mero “receptor passivo” dos episódios, tem vindo paulatinamente a participar de forma cada vez mais activa na construção e divulgação do *podcast*.

Para tal, este contributo encontra-se dividido em quatro secções. Num primeiro momento, traçar-se-á um breve perfil do *podcast*, detalhando o seu escopo e objectivos, não deixando de tecer umas sucintas considerações a respeito das mecânicas de gravação e edição dos episódios. De seguida, detalhar-se-ão os diversos tipos de episódio, apontando para as suas diferenças e potencialidades específicas. Explicitado o conteúdo e forma do *podcast*, apresentar-se-ão alguns dados quantitativos, procurando traçar um perfil demográfico dos/as ouvintes, tomando os distribuidores e local de escuta, faixa etária e género como parâmetros, não sem deixar de considerar o número de reproduções, aferido global (conjunto de episódios) e individualmente (episódio a episódio). A quarta e última secção centrar-se-á na recepção qualitativa do *podcast*, focando-se o envolvimento com o público a partir de exemplos ilustrativos subdivididos em três eixos fundamentais: potencial pedagógico; interesse pelo antigo Egipto; e cultura popular.

Notas sobre um *podcast*: escopo, objectivos e mecânicas

O trabalho desenvolvido no quadro do *podcast* tem permitido aos/às seus/ suas autores/as aperfeiçoar as suas capacidades de comunicação e transmissão de conhecimento, algo que se afigura particularmente relevante num momento em que os grandes centros financiadores e de gestão de ciência têm enfatizado a urgência da articulação entre academia e sociedade.² Por outro lado, o conhecimento académico não pode ser divorciado das respostas colectivas de que o

2 Para uma discussão sobre o assunto no contexto americano, ver Hoffman 2021.

mesmo é alvo e que, ademais, concorrem para a conceptualização, desenvolvimento e evolução daquele.³ Consequentemente, o envolvimento comunitário torna-se absolutamente fulcral não apenas para o futuro da Egiptologia, como também das Humanidades em sentido mais lato. Neste cenário, projectos como o presente *podcast* contribuem para a percepção colectiva da relevância das práticas e saberes egiptológicos, sobretudo atendendo às significativas discrepâncias nos múltiplos modos como o campo da Egiptologia se foi constituindo em diferentes partes do globo.⁴ Nos espaços linguístico-geográficos em que esta área de conhecimento se encontra ainda na sua infância, onde se inscrevem Portugal e Brasil,⁵ a necessidade de comunicação do conhecimento científico afigura-se, porventura, ainda mais relevante, sem prejuízo dos projectos de divulgação científico-egiptológica existirem também noutras latitudes, incluindo as ditas “centrais” deste domínio do saber.⁶

Conforme previamente mencionado, o objectivo primeiro deste *podcast* é comunicar sobre o antigo Egipto e as aproximações académico-científicas ao mesmo a um público lusófono, com vista a colmatar a escassez de conteúdo fidedigno sobre aquela realidade civilizacional antiga em língua portuguesa. Como efeito agravante, as publicações existentes nesse idioma tendem a ser de pendor académico, algo sentido por franjas de um público mais alargado como um factor dificultador da sua consulta,⁷ com a inevitável consequência de atrofiar uma tomada de contacto mais aprofundada com o antigo Egipto. *Três Egiptólogos*

3 Para mais informações sobre esta questão no contexto da Egiptologia, ver Moser 2014.

4 A respeito da história do estabelecimento e desenvolvimento da(s) Egiptologia(s) e das profundas assimetrias locais, regionais e nacionais desses processos veja-se, entre outros: Langer 2017; Bednarski et al. 2021; Navratilova et al. 2019; Navratilova et al. 2023.

5 Sobre a realidade das Egiptologias em contexto lusófono veja-se Silva et al., no prelo.

6 Com efeito, verifica-se uma miríade de produtos audiovisuais concernentes ao antigo Egipto no espaço virtual. Estes são assinados quer por profissionais actuantes em territórios onde a Egiptologia há muito se encontra estabelecida, quer por egiptólogos/as provenientes ou que trabalham em geografias com menor tradição académico-egiptológica. Exemplos de *podcasts*, para além daquele a que o presente artigo diz respeito, são: *The History of Egypt Podcast* (<https://www.egyptianhistorypodcast.com/>), o *podcast* do American Research Center in Egypt (ARCE) (<https://arce.org/podcast/>), *Afterlives of Ancient Egypt with Kara Cooney* (<https://karacooney.squarespace.com/podcast-afterlives>), *Kemet - l'antico Egitto in podcast* (<https://open.spotify.com/show/7v6WYV2125geHaZO7MFqXW>), *Kheru: Voci dall'Antico Egitto* (<https://creators.spotify.com/pod/show/julie-santoro>), *Mummies and Magic* (<https://mummies-magic.de/>). A oferta de conteúdo divulgativo sobre o antigo Egipto também se manifesta noutros formatos, como canais de YouTube, de cariz e proveniência diversos; veja-se, por exemplo, *Le Phare à On* (<https://www.youtube.com/@lephareaonyt>) ou, oriundos do espaço ibero-americano, *Laura Egiptologia* (<https://www.youtube.com/@LauraEgiptologia>), *Science Factory* (<https://www.youtube.com/@ScienceFactory2024>), *Egipto Antigo com Márcia Jamille* (<https://www.youtube.com/c/MarciaJamilleKV>) (todos os links indicados foram consultados a 23.07.2025). Conforme se depreende das observações expostas, não existia até ao início deste *podcast* qualquer outro congénere em língua portuguesa, lacuna a que este projecto procura dar resposta.

7 Ver abaixo.

Entram num Bar - como sugerido pelo carácter humorístico do seu título - procura assim apresentar informação confiável e actualizada sobre o antigo Egipto de modo informal, tornando não apenas os temas convocados, mas também os/as proponentes do *podcast* mais palpáveis e próximos. Simultaneamente, pretende-se desmistificar o estudo da Antiguidade nos países lusófonos, trazendo para a ribalta os caminhos trilhados pelos/as criadores/as do *podcast*, assim como de outros/as colegas convidados/as e destacando sucessos e falhanços como forma de atestar a viabilidade da prossecução de uma carreira egiptológica, apesar das suas inegáveis dificuldades decorrentes do subinvestimento estrutural de que a Egiptologia (e a História Antiga de forma mais alargada) se reveste em ambos lados do Atlântico.⁸ Assim, a par da transmissão de conteúdo egiptológico a camadas demográficas mais amplas em sentido lato, projectos como o aqui considerado contribuem igualmente para incrementar a visibilidade da produção e reflexão egiptológicas em língua portuguesa, cuja escassez e falta de apoio não devem ser tidas como sinónimo de inexistência ou parca qualidade e relevância. Sendo a Egiptologia uma área de vocação global, as egiptologias lusófonas assumem um lugar de presença dinâmica na construção daquela, na medida em que formam parte das diversas práticas egiptológicas observáveis a nível local, regional, nacional e supra-nacional.

Ao mesmo tempo que o título do *podcast* aponta de forma inequívoca para o seu carácter informal, o nome deste projecto indica o espírito colaborativo e cooperativo de que se reveste. Não se apresentando em regime de substituição e/ou concorrência face a actividades académicas relevantes - como aulas, palestras ou conferências - a escolha deste título visa indicar de forma automática e evidente o intuito de entretenimento do *podcast*, sem que tal se traduza numa diminuição ou descrédito do rigor científico das discussões entabuladas pelos/as autores/as. Pretende-se assim cativar (novos/as) ouvintes ainda antes de começarem a ouvir os episódios, dando-lhes a entender de que não estão perante um *podcast* decalcado de uma lição universitária, mas antes de algo que almeja ser uma experiência acessível, confortável e aprazível para indivíduos de distintas idades, proveniências e perfís.

8 Ver discussões em: Almeida 2020; Araújo 2000; Araújo et Nunes Carreira 2003; Caramelo et Trindade Lopes 2003; Lemos 2014; Rocha da Silva 2017; Rocha da Silva 2019.

A crescente popularidade dos *podcasts*⁹ caminha a par e passo com o seu significativo potencial pedagógico,¹⁰ algo que tem vindo a ser reconhecido inclusivamente no espaço lusófono.¹¹ Utilizando a terminologia proposta por Swiatek,¹² o formato do *podcast* funciona como um *intimate bridging medium*, facilitando a comunicação entre indivíduos dentro e fora da academia, oriundos de diferentes proveniências ao redor do globo e com perfis demográficos e identitários muito diversos e fornecendo conteúdo académico-científico de forma mais facilmente dirigível. Paralelamente, malgrado as disparidades de acessibilidade e disponibilidade da internet e dos desiguais níveis de literacia digital observáveis em diferentes geografias e/ou recortes sociais,¹³ os *podcasts* correspondem, por definição e inerência, a um produto de mais fácil acesso do que outros meios e suportes. Por conseguinte, os *podcasts* evidenciam uma crucial capacidade de integração de países em vias de desenvolvimento - ou apartados dos centros de produção de conhecimento - na comumente designada “sociedade do conhecimento” (*knowledge society*).¹⁴ Tal aspecto assume uma relevância ainda maior se tomarmos em linha de conta que os países lusófonos não figuram no leque das “potências centrais” da Egiptologia, pelo que um *podcast* alusivo ao antigo Egipto, em língua portuguesa, encerra um potencial de transmissão de conhecimento e comunicação de ciência extremamente pertinente, ao servir como instância (inter)mediadora entre conhecimento académico e grande público num contexto em que o primeiro se reveste de profundas inacessibilidades, inclusivamente a nível linguístico.¹⁵ Por outras palavras, se o *podcast* em análise neste artigo não constitui nem o primeiro nem o único congénere centrado no antigo Egipto,¹⁶ nem tampouco o único em português focado em História Antiga,¹⁷ a intersecção e coincidência destes dois

9 Jham et al. 2007.

10 Ver Price 2020; Ben-Marzouk et Candelora 2020; McGarr 2009; Campbell 2005.

11 Oliveira 2022; Moura et Carvalho 2006; Bottentuit Junior et al. 2009.

12 Ver Swiatek 2018.

13 Solano Fernández et Sanchez Vera 2010; Swiatek 2018.

14 Ver Munhepe Mulhanga e Rito Lima (2017) para um estudo especificamente sobre países africanos.

15 Ver estudos de caso em Langer 2017.

16 A título exemplificativo, mencionem-se os *podcasts* *The History of Egypt* (<https://www.egyptianhistorypodcast.com/>, consultado a 24.07.2024); e *Mummies & Magic* (<https://mummies-magic.de/>, consultado a 24.07.2024).

17 De que o *podcast* *A Teta de Sócrates* (<https://www.instagram.com/tetadesocrates>, consultado a 24.07.2024), disponível no *Spotify* e *Apple Podcasts* e com actualizações na conta de Instagram do projecto, constitui um exemplo significativo. Ainda assim, importa sublinhar o predomínio da língua inglesa no que diz respeito à “podoesfera” referente à História Antiga. A este título, pode destacar-se o *podcast* *Byzantium & Friends* (<https://byzantiumandfriends.podbean.com/>, consultado a 24.07.2024). Veja-se ainda o conjunto de *podcasts*

elementos - antigo Egípto + língua portuguesa - pela primeira vez, reveste-se de uma particular importância, que tem sido explicitamente apontada por diversos/as ouvintes, como adiante detalharemos.

Em virtude do distanciamento geográfico dos/as três autores/as do *podcast* em causa – com efeito, os três indivíduos que assinam o *podcast* moram em três cidades distintas, fruto de circunstâncias profissionais e pessoais - o “bar” a que no título do mesmo se faz menção é fundamentalmente virtual, o que em nada tem obstado a produção de bons resultados. Se os primeiros episódios foram gravados com recurso ao *Zencast* - uma plataforma online que permite a gravação de ficheiros de áudio distintos, facilitando o processo de edição - a recente obrigatoriedade de pagamento para utilização do dito *software*, aliada ao facto deste ser presentemente um projecto de comunicação de ciência sem qualquer financiamento associado, teve como consequência a “migração” das sessões de gravação para a plataforma de videochamada *Zoom*, em conjunto com o programa informático de gravação e edição sonoras *Audacity*. O processo de edição passa, entre outros aspectos, pelo acrescento de alguns elementos sonoros - como a malha de abertura que se pode escutar no início de cada episódio - e pela remoção (tão exaustiva quanto possível) de vestígios de poluição sonora. Habitualmente, as sessões de gravação têm a duração de uma a duas horas, dotando assim os/as criadores/as do tempo suficiente para que possam conversar informalmente sobre o tópico do episódio em causa, em lugar de redigir um roteiro que seria posteriormente lido. A opção por um registo mais “conversacional” que “palestrante” prende-se com o anteriormente mencionado intuito de conferir um tom informal e descontraído ao *podcast*, que se pretende aproximar mais de uma troca dialógica que poderia efectivamente ter lugar num bar do que assemelhar-se a uma aula ou conferência proferida dentro dos muros da academia. Apesar do generoso tempo investido na gravação, tem-se procurado que, após o processo de edição, os episódios não excedam os 45 minutos, visando uma experiência aprazível e fluida, que não se veja comprometida por episódios excessivamente longos.

Editados os episódios, estes são posteriormente publicados através da plataforma *Spotify for Creators*,¹⁸ ficando os mesmos disponíveis em diversos distribuidores de *podcasts*, incluindo *Spotify* e *Apple Podcasts*. A publicação dos episódios é ainda acompanhada de um pequeno texto descritivo, onde se sumaria o conteúdo especificamente abordado em cada instância, não sem deixar de incluir ligações para publicações e recursos digitais mencionados ao longo do episódio.

O esforço de divulgação e compromisso para com a comunidade de ouvintes conheceu um momento significativo por ocasião do primeiro aniversário do *podcast*, com a criação da conta de Instagram do mesmo (@3egiptologuespodcast), em resposta a vários pedidos de seguidores/as, que sentiam necessidade de um suporte visual que permitisse melhor compreender os conteúdos discutidos nos episódios. Simultaneamente, a presença do *podcast* nas redes sociais significou igualmente a abertura de um outro canal de comunicação e interacção com os/as ouvintes, que podem assim mais facilmente colocar as suas questões e endereçar comentários, críticas e sugestões aos/às autores/as. Ao fim de sensivelmente um ano e meio de existência deste canal de comunicação, o balanço é francamente positivo, particularmente em dois vectores. Por um lado, veio resolver uma dificuldade amiúde sentida de comunicar temas de cariz eminentemente visual (como os articulados com as expressões artísticas egípcias); por outro, permitiu intensificar a relação com a comunidade de ouvintes através da realização de “directos” (*lives*, na terminologia anglófona) que têm lugar nas escassas ocasiões em que os/as três criadores/as do projecto se encontram presencialmente, como sucedeu aquando do *Current Research in Egyptology* (CRE) em Montpellier (Setembro de 2022), do *International Congress of Egyptologists* (ICE) em Leiden (Agosto de 2023) ou no contexto de participação conjunta na primeira campanha arqueológica do *Mastaba of Akhmerutnisut Documentation Project* (MAD-P, na sigla inglesa), em Guiza (Dezembro de 2023).¹⁹ Em suma, a criação da conta de Instagram vem reforçar

18 Designada como *Anchor* à data do início deste projecto e, posteriormente, *Spotify for Podcasters*, tendo-se alterado para a denominação actual em Novembro de 2024.

19 O MAD-P tem uma conta no Instagram (@akhmerutnisut.project) onde se publicam novidades sobre o projecto, incluindo fotos do trabalho em Guiza e menções de palestras. Refiram-se ainda as peças publicadas pelo jornal português *Público* no dia 13 de agosto de 2024 (<https://www.publico.pt/2024/08/13/ciencia/noticia/akhmerutnisut-funcionario-egipcio-tanto-fascina-arqueologos-portugal-2099180>, consultado a 17.10.2024) e pelo periódico brasileiro *Jornal da Ciência*, no dia 30 de agosto de 2024 (<https://www.jornaldaciencia.org.br/>

aquele que é o objectivo último e primeiro desta empreitada conjunta: aproximar o conhecimento técnico-científico de camadas mais alargadas de público, ao mesmo tempo que surge como resposta e prova inequívoca de que os/as ouvintes constituem o centro nevrálgico do *podcast* como um todo, dando-se assim resposta às suas inquietações e definindo-se os caminhos trilhados no quadro de projecto que tem na comunicação, troca e participação dialécticas os seus eixos fulcrais. Dito de outro modo, é do diálogo contínuo entre autores/as e ouvintes que se esculpe e afeiçoa a forma e conteúdo do *podcast*, influenciando temáticas abordadas e formatos adoptados, conforme se discute brevemente de seguida.

Notas sobre episódios: tipos e formatos

O carácter abertamente prosaico dos objetivos deste *podcast* não é, porém, sinónimo de parca ambição ou de simplificação do conteúdo proposto ao público ouvinte. Pelo contrário, pretende-se oferecer episódios pautados por uma diversidade temática, mas também formal, que vá ao encontro das expectativas e anseios de quem escuta *Três Egiptólogos Entram num Bar*, e que simultaneamente dialogue com um maior número de pessoas - sobretudo, considerando a pluralidade dos perfis ouvintes²⁰ - e dê resposta às necessidades de comunicação egiptológica em língua portuguesa, num cenário de particular escassez de aparelhos, recursos e infra-estruturas de cunho egiptológico verificável no mundo lusófono.²¹ Para tal, nesta secção do artigo apresenta-se uma visão panorâmica dos tipos de episódios produzidos, comentando igualmente o seu fito e pertinência no que à disseminação de conhecimento científico diz respeito. A necessidade sentida pela comunidade ouvinte dessa variedade de episódios pode ser aferida na Figura 1, abaixo, onde

com-pesquisadora-brasileira-projeto-re-escava-tumba-para-responder-misterios-do-antigo-egito/ consultado a 17.10.2024).

20 Ver secção seguinte.

21 A este título, mencione-se, entre outros factores, a falta de bibliotecas e arquivos especializados, o reduzido número de escavações no Egipto, ou o parco investimento público e privado no estudo e publicação dos objectos patentes nos acervos museológicos (veja-se, para o caso português, Trindade Lopes 1989 e Almeida 2020; e, para o brasileiro, Rocha da Silva 2017 e 2019).

se constata que todas as diferentes categorias de episódios figuram entre os dez mais escutados.

Em primeiro lugar, o *podcast* oferece o que poderia ser qualificado de “episódios temáticos”, isto é, centrados num tema egiptológico em concreto - ora mais específico, ora mais abrangente - abordado de forma focada e independente. Exemplos desta categoria são os episódios sobre religião egípcia,²² o período amarniano,²³ arte egípcia,²⁴ o reinado de Hatchepsut,²⁵ o povoado de Deir el-Medina²⁶ ou ainda o dedicado aos costumes funerários antigo-egípcios.²⁷ A par da consideração de temáticas subordinadas ao antigo Egipto de forma intrínseca e directa, o formato de “episódio temático” tem igualmente sido mobilizado numa dinâmica de articulação com acontecimentos que marcam a actualidade científica-egiptológica, como sucedeu com o episódio dedicado aos 200 anos do deciframento da escrita hieroglífica²⁸ - data que, alegadamente, marcaria o “nascimento” da Egiptologia, algo que é (re)considerado na discussão a três²⁹ - ou o gravado por ocasião do centenário da “descoberta” do túmulo de Tutankhamon por Howard Carter no Vale dos Reis,³⁰ onde se debate não só o contexto histórico do monarca, como também se aborda o espólio encontrado naquele monumento funerário.³¹ Evidentemente, não se pretende que estas gravações se revistam de uma natureza “enciclopédica”, dada a impossibilidade de cobrir tais tópicos de forma exaustiva em cerca de 45 a 50 minutos, o tempo-médio de cada episódio.

22 Episódio 6 - “A Religião Egípcia” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/6--A-Religio-Egpcia-e1i9u2o>, consultado a 21.10.2024).

23 Episódio 9 - “Amarna e Akhenaton” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/9--Amarna-e-Akhenaton-e1nda0n>, consultado a 21.10.2024).

24 Episódio 16 - “A Arte Egípcia” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/16--A-Arte-Egpcia-e1u7qjt>, consultado a 21.10.2024).

25 Episódio 31 - “Hatchepsut” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/31--Hatchepsut-e2pn7ci>, consultado a 21.10.2024).

26 Episódio 28 - “Deir el-Medina” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/28--Deir-el-Medina-e2mf5nn>, consultado a 21.10.2024).

27 Episódio 22 - “A Vida depois da Morte: Costumes Funerários” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/22--A-Vida-depois-da-Morte-Costumes-Funerrios-e24ger8>, consultado a 21.10.2024).

28 Para mais informações sobre o processo de deciframento, ver Parkinson 1999. Para uma visão crítica no aniversário de 200 anos da Egiptologia, sobre esse e outros assuntos, ver Jurman 2022.

29 Episódio 10 - “200 anos de Egiptologia (?): A decifração dos hieróglifos” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/10--200-anos-de-Egiptologia---A-decifrao-dos-hieroglifos-e1o29f9>, consultado a 21.10.2024).

30 Episódio 13 - “Tutankhamon: 100 anos de (re)descoberta” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/13--Tutankhamon-100-anos-de-redescoberta-e1qctll>, consultado a 21.10.2024).

31 A respeito da campanha de Howard Carter, ver Carter 1923–1933. Para algumas das consequências dessa descoberta na cultura popular, ver Riggs 2021. Sobre a recepção da descoberta do túmulo de Tutankhamon em Portugal, ver: Sales et Mota 2019a, 2019b. 2020.

Ao invés, estes momentos são perspectivados como oportunidade para levantar o véu e ampliar as discussões em torno de tópicos do interesse dos/as ouvintes, ambicionando-se assim divulgar informações com acuidade científica de forma acessível, potencializando o valor pedagógico do *podcast* e alertando para a importância do envolvimento e comunicação com a comunidade por parte de agentes académicos. Não se confunda, contudo, “acessibilidade” com “simplificação”. Os/as criadores/as de *Três Egiptólogos Entram num Bar* rejeitam a premissa de que seria necessário adoptar uma lógica algo “emburrecedora” do conteúdo para facilitar a comunicação com o público e a compreensão do exposto, o que pode ser observado na prática discursiva adoptada no projecto e na forma como não se negligenciam discussões que, *a priori*, poderiam não figurar num formato de comunicação com o “grande público” caso se assumisse um imperativo simplista. A título de exemplo, ao discutir o processo de deciframento da escrita hieroglífica, enfatiza-se a longa duração do mesmo e sublinha-se a dimensão colaborativa de que se revestiu, apelando à reponderação das narrativas centradas numa única figura (neste caso, Jean-François Champollion),³² tida como “heróica” no processo de aprimoramento do conhecimento do passado como um todo. A par dos temas acima enumerados, estão igualmente programados muitos outros, correspondentes a pedidos de ouvintes, e que incluem questões como lei e justiça no antigo Egipto, alimentação e gastronomia ou ainda o processo de mumificação.

De facto, a solicitação de episódios concretos acompanhou o percurso do *podcast* desde praticamente a publicação do seu primeiro episódio, no final de Fevereiro de 2022. Dessa interacção começou a emergir a percepção da necessidade sentida pela comunidade ouvinte de um maior enquadramento cronológico do conteúdo exposto, algo particularmente relevante dada a longevidade milenar do antigo Egipto. Vários/as seguidores/as foram assim manifestando uma vontade de maior compreensão dos principais períodos em que a História egípcia surge segmentada, procurando entender as grandes linhas de fundo de cada um destes, mas também, por meio dessas explicações, melhor entender os objectos,

32 Para ler sobre as contribuições de Champollion e Young, entre outros, no processo de deciframento, ver Robinson 2011. No respeitante às contribuições de estudiosos árabes, ver el-Daly 2008. Ver também as secções sobre o deciframento em Torres 2022.

personagens, locais e monumentos mencionados nos episódios “temáticos”. Por conseguinte, iniciou-se uma nova série, de natureza histórico-cronológica, que neste momento conta já com dois episódios (Época Arcaica³³ e Império Antigo³⁴), mas cujas próximas iterações serão disponibilizadas a breve trecho. Simultaneamente, a série constitui uma oportunidade para revisitar os diversos períodos da História do antigo Egipto e apresentá-los à luz do esforço investigativo-egiptológico mais recente, (re)equacionando ideias pré-concebidas. Para este efeito, procurar-se-á, nomeadamente, reavaliar os comumente designados “Períodos Intermediários”, enfatizando a natureza mais “regional” dos mesmos em detrimento de visões ancoradas em conceitos como “colapso social”, no concernente ao Primeiro Período Intermediário,³⁵ ou de “invasão estrangeira”, no respeitante ao Segundo Período Intermediário,³⁶ episódio no qual se pretende colocar em evidências as interpretações mais recentes sobre os Hicsos e o seu governo a norte do Egipto. Espera-se igualmente com esta série encorajar os/as ouvintes a desconsiderar o tropo do “Egipto eterno” - isto é, tomar aquele contexto histórico-geográfico como imutável e monolítico - um “mito” profundamente prejudicial que afecta e compromete o entendimento popular sobre outras civilizações antigas para além do antigo Egipto.³⁷

Conforme se descreveu acima, contudo, o *podcast Três Egiptólogos Entram num Bar* é não apenas o primeiro em língua portuguesa a tratar exclusivamente do antigo Egipto, mas também alusivo à Egiptologia, isto é, ao campo científico que se dedica ao estudo daquele. Consequentemente, oferecem-se igualmente episódios de pendor mais “egiptológico” que “egípcio” em sentido estrito, mormente, focados na(s) realidade(s) das carreiras egiptológicas, particularmente em contexto lusófono. A este título, importa referir que os/as três fundadores/as e apresentadores/as do *podcast* se têm vindo a especializar em cronologias, temáticas e metodologias de

33 Episódio 21 - “O Egipto Pré-Histórico ou Pré-Dinástico e a Época Arcaica” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/21--O-Egipto-Pr-Historico-ou-Pr-Dinstico-e-a-poca-Arcaica-e23ogd4>, consultado a 21.10.2024).

34 Episódio 26 - “O Império Antigo” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/26--O-Imprio-Antigo-e2lecqd>, consultado a 21.10.2024).

35 Ver Moeller (2005) e Moreno García (2015) para críticas sobre a noção de “colapso” no Primeiro Período Intermediário.

36 Candelora 2017; 2018.

37 Ver Nyord 2018.

investigação muito distintas, evidenciando inclusivamente formações académicas muito distintas. Tal diversidade biográfica enriquece a discussão e pontos de vista sobre questões como o processo de publicação, trabalho de campo em sítios arqueológicos e museus, ou leccionação de conteúdo egiptológico em diversas instituições, tendo-se dedicado um episódio exclusivamente à diversidade das experiências e práticas do labor egiptológico.³⁸ Episódios deste cariz concorrem para um objectivo de explanação das contingências do estudo e investigação sobre o antigo Egipto, contribuindo para estimular e auxiliar - tanto quanto possível - quem se interesse pela área de estudos em países como Brasil e Portugal a cogitar possíveis caminhos e oportunidades de prossecução de um eventual trajecto egiptológico, algo que surge reforçado mediante o contacto por parte de seguidores/as que pretendem efectivamente enveredar pelos estudos egiptológicos.³⁹

Outro vector de discussão e aproximação às realidades das Egiptologias lusófonas consiste na abertura das “portas do bar” a colegas que também estudam o antigo Egipto. Mantendo o tom informal e descontraído que perpassa o projecto no seu conjunto, conversa-se sobre a investigação (passada e actual) dos/as convidados/as, destrinchando-se um pouco do seu percurso e, nessa medida, dando maior visibilidade aos múltiplos caminhos e formas de trabalhar com o antigo Egipto, em ambos lados do Atlântico. Pese embora a repetição de um conjunto de perguntas de episódio para episódio - que conferem estrutura e coerência às várias instâncias do formato - a ideia é sobretudo deixar que seja a pessoa convidada a decidir os rumos da conversa. À data de redacção do presente artigo, encontram-se publicadas sete conversas. A primeira foi travada com Daniela Martins,⁴⁰ na qual se abordaram as dificuldades encontradas pela mesma que a levaram a abandonar a carreira académica e abraçar outros desafios profissionais. Já o diálogo com Pedro von Seehausen⁴¹ permitiu tratar do resgate da colecção egípcia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, após o

38 Episódio 2 - “Fazer Egiptologia em português” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/2--Fazer-Egiptologia-em-portugus-e1fn8l5>, consultado a 21.10.2024).

39 Ver exemplos abaixo referentes a pedidos de sugestões (nomeadamente, bibliográficas) nesse sentido.

40 Episódio 12 - “À conversa com Daniela Martins” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/12---conversa-com-Daniela-Martins-e1ptad2>, consultado a 21.10.2024).

41 Episódio 14 - “À conversa com Pedro Von Seehausen” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/14---conversa-com-Pedro-Von-Seehausen-e1rb3l3>, consultado a 17.10.2024).

incêndio de 2018,⁴² processo no qual participou activamente e que constituiu o objecto da sua tese doutoral,⁴³ falando assim sobre o futuro de uma colecção egípcia que, por força da sua “biografia”, se tornou única no mundo. A pluralidade dos percursos e experiências egiptológicas em solo brasileiro esteve também no centro das discussões com Victor Braga,⁴⁴ Gisela Chapot,⁴⁵ Fábio Frizzo⁴⁶ e Thais Rocha da Silva,⁴⁷ académicos/as que têm empreendido esforços para tornar a sua investigação mais acessível e que partilharam as suas visões pessoais sobre os rumos passados, presentes e futuros da Egiptologia no Brasil, a par dos seus próprios projectos, interesses e aspirações. É igualmente importante notar que, apesar do carácter marcadamente lusófono do *podcast*, gravaram-se igualmente conversas com colegas cujo primeiro idioma (de trabalho) não é o português. Abraham I. Fernández Pichel é espanhol, mas trabalha na Universidade de Lisboa, onde tem prestado um contributo valioso para a consolidação da Egiptologia em Portugal, nomeadamente, no que aos Estudos de Recepção diz respeito.⁴⁸ Já Ana Sofia de Carvalho Gomes é fruto da diáspora portuguesa, vivendo e trabalhando na Alemanha, onde nasceu; na sua conversa - que se encontra, à data da escrita, em fase de edição - para além de se focar no seu percurso académico e investigativo, dá conta de que o *podcast* permitiu aos seus pais - ouvintes regulares - compreenderem melhor a natureza do seu trabalho, facilitando conversas familiares e tornando o antigo Egipto e a Egiptologia mais palatáveis e tangíveis. Estes episódios permitiram ampliar e problematizar o que se entende por “egiptólogo/a lusófono/a”, considerando tal conceito para lá dos estritos limites da proveniência geográfica ou linguísticos, contribuindo para a divulgação do trabalho de um leque de colegas mais vasto, (re)centrando simultaneamente a investigação feita em português, em contexto lusófono (por nativos/as do idioma ou não) ou

42 Para ler sobre o resgate, ver Carvalho et al. 2021.

43 Ver von Seehausen 2022.

44 Episódio 17 - “À conversa com Victor Braga” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/17---conversa-com-Victor-Braga-e1usvvn>, consultado a 17.10.2024).

45 Episódio 25 “À conversa com Gisela Chapot” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/25---Conversa-com-Gisela-Chapot-e2ksi8h>, consultado a 17.10.2024).

46 Episódio 27 - “À conversa com Fábio Frizzo” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/27---Conversa-com-Fbio-Frizzo-e2luik>, consultado a 17.10.2024).

47 Episódio 29 - “À conversa com Thais Rocha da Silva” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/29---Conversa-com-Thais-Rocha-da-Silva-e2mv9e8>, consultado a 17.10.2024).

48 Episódio 20 - “À conversa com Abraham Fernández Pichel” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/20---conversa-com-Abraham-Fernndez-Pichel-e22uraj>, consultado a 17.10.2024).

por pessoas lusófonas noutros âmbitos geográfico-institucionais no panorama global dos estudos egiptológicos. A este respeito, a conversa ainda não publicada com Rennan Lemos - oriundo do Rio de Janeiro mas trabalhando actualmente em Cambridge - foi particularmente esclarecedora, permitindo inclusivamente tratar de uma realidade cultural frequentemente negligenciada nas discussões sobre o nordeste africano antigo, a saber, a Núbia.⁴⁹

Um dos principais obstáculos a uma maior familiaridade com o antigo Egipto em países de língua oficial portuguesa prende-se com reduzido número de publicações naquele idioma. Por outro lado, as poucas produções urdidas no âmbito da cultura popular constituem uma poderosa ferramenta de aproximação a temáticas de cunho egiptológico. Nessa senda, iniciou-se um clube de leitura,⁵⁰ que acabou por se constituir como uma outra série do *podcast*. De forma sumária, trata-se de escolher uma obra ficcional alusiva (directa ou indirectamente) ao antigo Egipto. O anúncio da obra escolhida surge acompanhado de um pedido de envio de perguntas alusivas à obra, a partir das quais se procura estruturar o subsequente episódio sobre o livro em causa. À data da escrita deste artigo, encontram-se já publicados três episódios do “Clube de Leitura” relativos às seguintes obras: *A Morte Não é o Fim* - publicado no Brasil sob o título *E no Final a Morte*, uma versão mais fiel ao título original, *Death Come as the End* - de Agatha Christie,⁵¹ *O Mistério da Cruz Egípcia* (título original: *The Egyptian Cross Mystery*) de Ellery Queen⁵² e *Akhenaton, o Rei Herege* (título original: *العائش في الحقيقة*) de Naguib Mahfouz.⁵³ Um episódio sobre *O Faraó Negro* (título original: *Le Pharaon Noir*) de Christian Jacq também já foi gravado. Naturalmente, o conteúdo abordado no episódio advém da natureza do livro em causa, bem como das temáticas nele aferidas. Aquando da conversa espoletada pelo livro de Christie, por exemplo, o foco prendeu-se

49 Para mais informações sobre a Núbia em português, ver, por exemplo: Lemos et Frizzo 2019; Frizzo 2020.

50 A respeito do qual o/as autor/as se encontram actualmente a preparar um artigo.

51 Episódio 8 - “Clube de Leitura: ‘A Morte Não é o Fim,’ de Agatha Christie” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/8--Clube-de-Leitura-A-Morte-No--o-Fim--de-Agatha-Christie-e1m50o7>, consultado a 17.10.2024).

52 Episódio 18 - “Clube de Leitura: ‘O Mistério da Cruz Egípcia,’ de Ellery Queen” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/18--Clube-de-Leitura-O-Mistrio-da-Cruz-Egpcia--de-Ellery-Queen-e1vqc6n>, consultado a 17.10.2024).

53 Episódio 23 - “Clube de Leitura: ‘Akhenaton, o Rei Herege,’ de Naguib Mahfouz” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/23--Clube-de-Leitura-Akhenaton--o-Rei-Herege--de-Naguib-Mahfouz-e2amjtd>, consultado a 17.10.2024).

fundamentalmente no conhecimento disponível e veiculado à época da escrita da obra; por outro lado, por se tratar do primeiro episódio deste segmento da programação do *podcast*, procurou-se igualmente enfatizar que romances históricos não podem ser considerados documentos/fontes históricos/*as per se*. Já o diálogo sugerido por *O Mistério da Cruz Egípcia* afastou-se um pouco das questões “estritamente egiptológicas” para se centrar sobretudo nas realidades da Egiptomania e Kemetismo.⁵⁴ O romance de Naguib Mahfouz ambientado no Período de Amarna,⁵⁵ por seu turno, apresentou-se como uma oportunidade para problematizar a pluralidade das narrativas na interpretação e aproximação ao passado - quer as oferecidas em seio académico, quer as que emergem de leituras extra-académicas - sublinhando-se assim a importância de considerar diferentes tipos de evidências detectáveis no registo histórico-arqueológico. Com efeito, o carácter polifónico do livro de Mahfouz - em que cada capítulo corresponde à perspectiva de uma testemunha contemporânea do reinado de Akhenaton - favoreceu a reflexão em torno da variedade de testemunhos e visões na reconstrução do passado; por outro lado, a leitura desta obra permitiu também alertar a comunidade ouvinte para a existência de instâncias de recepção da Antiguidade na cultura e literatura não-académicas egípcias, algo que tem merecido pouca atenção por parte da comunidade académica. E se *Akhenaton, o Rei Herege* constituiu uma primeira leitura ficcional da autoria de um escritor egípcio, *O Faraó Negro* permitiu chamar à atenção para o facto da literatura ficcional sobre o antigo Egipto poder também emergir da pena de egiptólogos/as (no caso, Christian Jacq), esboroando-se assim delimitações muito categóricas entre agentes “académicos” e “não-académicos” na construção e replicação de ideias sobre o antigo Egipto. Simultaneamente, a discussão sobre a referida obra permitiu contextualizar o Terceiro Período Intermediário,⁵⁶ respondendo assim a um dos objetivos do *podcast* de abordar temáticas e cronologias frequentemente negligenciadas das apresentações mais gerais sobre o antigo Egipto.

54 Para mais informações sobre e estudos de caso de Egiptomania, ver: Bakos 2004; Sales et Mota 2022; 2023.

55 Para uma introdução ao período, ver: Kemp 2013; Chapot 2013; Lemos 2014.

56 Para uma investigação sobre a cultura material do Terceiro Período Intermediário em português, ver Arroyo 2021. Para uma visão geral relativamente recente sobre o período em inglês, ver Dodson 2012.

Por fim, o *podcast* constitui-se igualmente de um outro tipo de episódio apelidado de “*pod quiz*”, a partir da expressão inglesa *pub quiz*, em referência a jogos de cultura geral que tendem a acontecer em bares. Figurando entre os episódios mais solicitados - eventualmente, pela sua feição (ainda) mais “informal” e “lúdica”, que permite um recurso mais expressivo ao humor como ferramenta de comunicação e transmissão de conhecimento científico - estes consistem numa dinâmica de perguntas e respostas, sendo as primeiras elaboradas por um/a dos/as autores/as do *podcast*, em esquema de rotação. Apesar das “armadilhas” que pretendem conferir maior interesse e dinamismo ao episódio - até porque não existe qualquer guião ou ensaio prévio à gravação do episódio - os/as “concorrentes” tendem a saber a resposta certa, mas a manifestação de dúvidas pontuais permite igualmente demonstrar que especialistas numa determinada área não possuem um conhecimento universal e absoluto sobre a mesma, levando assim os/as ouvintes a adoptar uma postura de crítica e desconfiança face a indivíduos que afirmam tudo saber. Deste modo, os “*pod quiz*” inscrevem-se no objectivo de desmistificar a prática académica e os seus agentes, oferecendo aos/às ouvintes um outro olhar sobre o método científico e a realidade da investigação. Pese embora o supra-mencionado carácter humorístico destes episódios - sugerido pelos próprios títulos, como “Os Humilhados Serão Exaltados”,⁵⁷ “A Vingança de Luiza”,⁵⁸ ou “Guilherme Contra-Ataca”⁵⁹ - estes permitem abordar um leque mais vasto de temas, questões, problemas e recortes cronológicos, oscilando entre momentos de descontração - como quando foi solicitado que se soletrasse nomes de reis e rainhas núbios/as - e o tratamento de realidades declaradamente mais sérias, incluindo a teoria da “raça dinástica” proposta por Flinders Petrie.⁶⁰

A variedade de tipos de episódios permite diversificar a forma e conteúdo do *podcast*, facilitando o seu acesso e consumo por parte de um conjunto alargado

57 Episódio 3 - “Pod Quiz: Os Humilhados Serão Exaltados” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/3--Pod-Quiz-Os-Humilhados-Sero-Exaltados-e1gc2ko>, consultado a 17.10.2024).

58 Episódio 5 - “Pod Quiz 2: A Vingança de Luiza” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/5--Pod-Quiz-2-A-Vingana-de-Luiza-e1hpl6b>, consultado a 17.10.2024).

59 Episódio 7 - “Pod Quiz 3: Guilherme Contra-Ataca” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/7--Pod-Quiz-3-Guilherme-Contra-Ataca-e1itjm4>, consultado a 17.10.2024).

60 Para um tratamento crítico da teoria, ver Campagno 2005.

de ouvintes, também este plural e diverso, conforme se pode constatar na secção seguinte do artigo.

Notas sobre a recepção do *podcast* (I): Dados quantitativos

Um dos objectivos deste artigo passa por demonstrar que a comunicação de ciência pode ter um papel absolutamente essencial na nossa disciplina. Desta forma, serve esta secção para apresentar e discutir sumariamente algumas das estatísticas do *podcast*, proporcionando assim um melhor entendimento do alcance deste projecto e, também, do seu potencial (bem como de projectos análogos) como forma de disseminação de conhecimento egiptológico para lá do mundo académico. Os dados apresentados abaixo foram retirados da plataforma *Spotify for Creators*, mencionada acima, congregando estatísticas do *Spotify*, *Apple Podcasts*, *Google Podcasts*, *CastBox*, *Podcast Addict*, entre outros. Uma primeira constatação prende-se precisamente com a plataforma na qual o *podcast* é maioritariamente ouvido, a saber, o *Spotify* (61.3%), sendo o *Apple Podcasts* o segundo agregador de *podcast* mais utilizado (22.7%).

À data de escrita do presente artigo, Julho de 2024, isto é, sensivelmente dois anos após o seu início, o *podcast* apresenta um total de mais de 19700 reproduções (combinando o número de reproduções dos 27 episódios já publicados) e de mais de 1000 subscrições só no *Spotify* (um número que inevitavelmente aumenta se se associarem as subscrições ao *podcast* noutras plataformas). Apesar da base consistente de ouvintes, não é de estranhar que o número de reproduções aumente consideravelmente nos dias imediatamente subsequentes à publicação de um novo episódio. Mencione-se ainda que o primeiro episódio - no qual se introduz o conceito do projecto e se apresentam os seus autores/as - ultrapassa as 2200 reproduções.

Os dez episódios mais populares (ou seja, mais ouvidos) apresentam todos mais de 800 reproduções cada um. O segundo episódio mais ouvido, no qual se discute a realidade da investigação sobre o antigo Egipto em português alcançou

as 1200 reproduções, ao passo que o décimo mais escutado, dedicado ao assim considerado “bicentenário da Egiptologia” e ao deciframento dos hieróglifos em pouco excede as 800 reproduções (Fig. 1). Estes números são particularmente impressionantes se considerarmos que este é um *podcast* de História, focado no antigo Egípcio, numa língua que não tem, de todo, o alcance do inglês. Para além disso, o *podcast* *Três Egíptólogos Entram num Bar* tem consistentemente figurado no top 10 de *podcasts* de História mais acessados em Portugal, tendo ocupado o primeiro lugar nesses rankings em diversas ocasiões.⁶¹ O rating do *podcast* no *Spotify* é de 4.9 (com 161 avaliações) e no *Apple Podcasts* é de 4.6 (com 23 avaliações), sendo que muitas destas avaliações incluem comentários positivos com pedidos e sugestões específicas sobre tópicos de discussão para futuros episódios.⁶²



Fig. 1. Número de reproduções dos dez episódios mais ouvidos (estatísticas de Julho de 2024). Entre estes episódios do *Top 10* estão diferentes tipos, incluindo *pod quizzes*, clubes de leitura e episódios temáticos abordando diversos conteúdos. Estes números foram retirados do *Spotify for Creators*, reflectindo os dados de todas as plataformas agregadoras de *podcasts* nas quais *Três Egíptólogos Entram num Bar* pode ser encontrado.

61 Estas estatísticas foram retiradas do *website Chartable*, que calcula o número de reproduções de episódios e a popularidade de um *podcast* com base nos dados recolhidos do *Apple Podcasts*.

62 A pontuação mais baixa no *Apple Podcasts* deve-se a uma avaliação de 1 (uma) estrela, acompanhada de um comentário onde essa avaliação é explicada, algo que será detalhado na última secção do artigo.

Considerando os dados de todas as plataformas de *podcasts* mencionadas acima, Portugal é o país com maior número de ouvintes, em grande parte devido à popularidade da conta profissional de Instagram de Inês Torres (@umaegiptologaportuguesa). Importa ainda considerar que a oferta de *podcasts* em Portugal é consideravelmente menor do que a verificada no Brasil,⁶³ o que facilita a captação de ouvintes. De acordo com os dados consultados em Julho de 2024, 79% do público vem de Portugal e 9% do Brasil, embora a audiência brasileira do *podcast Três Egiptólogos Entram num Bar* tenha vindo a crescer de forma expressiva e regular. Do Reino Unido chegam 2% dos/as ouvintes, verificando-se igual percentagem nos Estados Unidos da América e Espanha. Já a unidade percentual (1%) corresponde a reproduções na Alemanha. Todavia, a análise de dados atesta a ocorrência de ouvintes - ainda que em números inferiores, não perfazendo 1% - num amplo conjunto de países, dispersos pelo globo, como: Suíça, Egito, Suécia, Bélgica, Itália, França, Luxemburgo, Dinamarca, Canadá, Roménia, Polónia, Rússia, Angola, Irlanda, Emirados Árabes Unidos, Ucrânia, Países Baixos, Nova Zelândia, Noruega, Marrocos, Turquia, Áustria, Chéquia, Moçambique, Argentina, Taiwan, Islândia, Austrália, México, Colômbia, Israel, Arábia Saudita, Senegal, Malta, Hungria, África do Sul, Tunísia, Bulgária, Tailândia, Japão, República Democrática do Congo, Timor-Leste, Peru, Filipinas, Equador, Chile, Jordânia, Grécia, Costa Rica, El Salvador, Macau, Tanzânia, Maurícia, Singapura, Vietname, Andorra, Catar, Gibraltar e Guatemala. Apesar de não ser passível de confirmação, supomos que a maioria dos ouvintes do *podcast Três Egiptólogos Entram num Bar* sejam luso-falantes residentes nos países elencados ou, então, de visita aos mesmos. No entanto, vários/as colegas cujo espanhol é a língua materna informaram os/as autores/as deste artigo que, dada a proximidade linguística, conseguem entender o exposto, afirmando-se, por isso, como ouvintes regulares do *podcast*. Um dos principais objectivos futuros do *podcast* visa continuar a expandir o público-ouvinte para lá de Portugal e do Brasil, com foco

63 Com efeito, o Brasil é um dos maiores consumidores de *podcasts* do mundo: <https://www.thestar.com.my/tech/tech-news/2022/09/10/when-it-comes-to-podcast-listeners-brazil-could-be-leading-the-world> (consultado a 17.10.2024).

nos territórios de língua oficial portuguesa, alguns dos quais já constam na lista acima incluída (Angola, Moçambique, Timor-Leste e Macau).

Para além da distribuição geográfica do público do *podcast Três egiptólogos Entram num Bar*, é também possível recolher estatísticas relativamente à faixa etária e ao género do mesmo. No entanto, as estatísticas disponíveis resumem-se, apenas, às pessoas que utilizam a plataforma *Spotify*, pelo que, apesar de bastante informativas, não apresentam uma visão completa. De acordo com os dados recolhidos em Julho de 2024, a maioria dos/as ouvintes têm entre 28 a 34 anos de idade; no entanto, os ouvintes nos grupos etários entre 35-44 e 45-59 anos de idade perfazem igualmente um número considerável do público do *podcast* (Fig. 2). As faixas etárias entre os 18-22 e com mais de 60 anos surgem menos representadas, sendo que menos de 1% do público são menores de 18 anos. Outro objectivo importante para o futuro do *podcast* é tentar atrair um maior número de jovens ouvintes; contudo, importa realçar que é do conhecimento dos/as autores deste artigo que várias famílias têm por hábito ouvir o *podcast* em conjunto, o que significa que os números aqui apresentados não reflectem fielmente a faixa etária abaixo dos 18. Em termos de género, o número de ouvintes do género feminino é superior ao do género masculino, devendo ainda mencionar-se que 1,6% das pessoas ouvintes se identifica como não-binário ou prefere não especificar a sua identidade de género (Fig. 3).

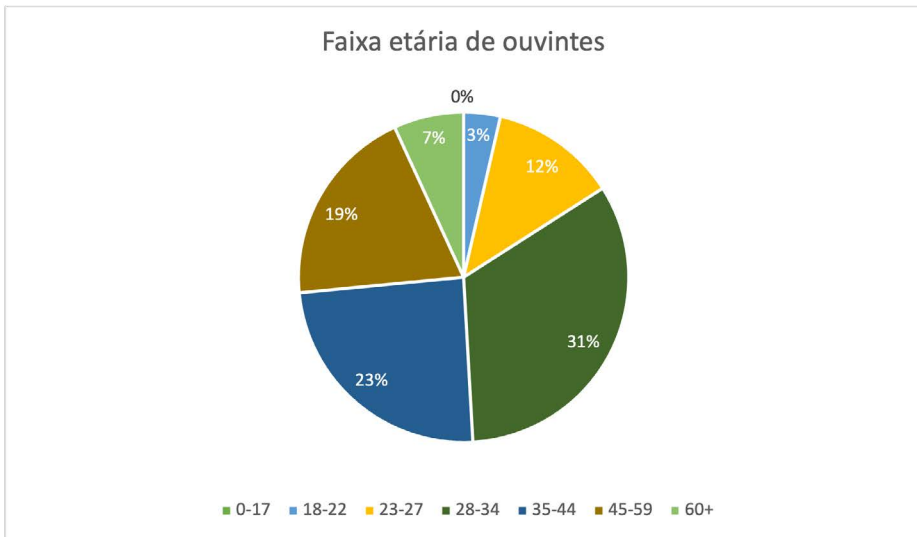


Fig. 2. Percentagem de ouvintes do *podcast Três Egíptólogos Entram num Bar* por faixa etária. Dados recolhidos pelo *Spotify for Creators*, reflectindo apenas utilizadores/as da plataforma *Spotify*.

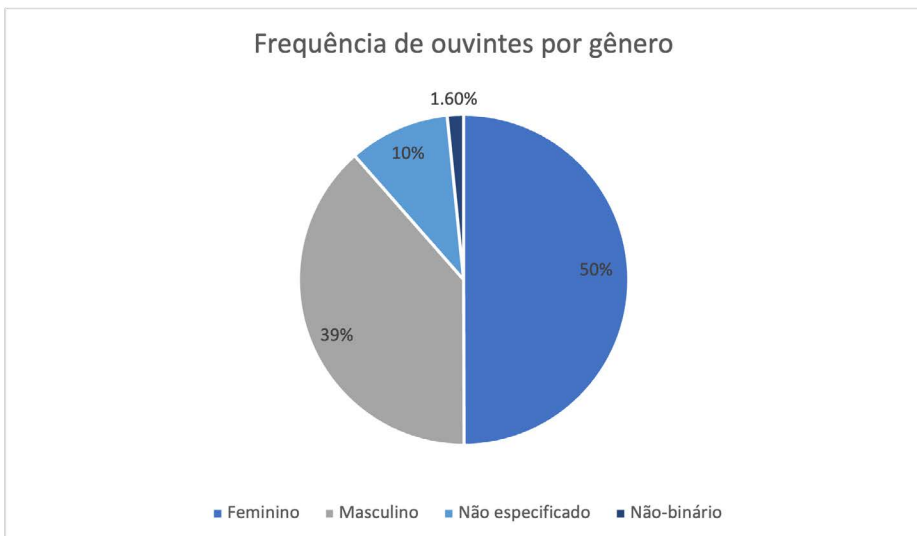


Fig. 3. Distribuição por gênero de ouvintes do *podcast Três Egíptólogos Entram num Bar*. Dados recolhidos pelo *Spotify for Creators*, reflectindo apenas utilizadores da plataforma *Spotify*.

O *podcast Três Egiptólogos Entram num Bar* pretende apresentar-se como um meio de comunicação de ciência acessível ao maior número de pessoas possível, discutindo tópicos de interesse geral e de uma forma clara, sem pretensiosismos: os dados aqui apresentados reflectem o sucesso do *podcast* nesse sentido, dada a diversidade etária, geográfica e até identitária evidenciada no levantamento estatístico da comunidade ouvinte. Não obstante, e sem prejuízo da importância informativa destes dados quantitativos, é também a partir das interacções com a comunidade de ouvintes que se pode aferir a pertinência e impacto deste *podcast*, pelo que é chegado o momento de apresentar alguns exemplos de um contínuo diálogo com quem segue o projecto, sublinhando o seu teor e os múltiplos efeitos por este surtidos.

Notas sobre a recepção do *podcast* (II): Dados qualitativos

Um dos pressupostos assumidos pelas/os autoras/es do *podcast* desde o seu início prende-se com a estrita articulação com a comunidade de ouvintes, com a qual se pretende criar uma relação de proximidade por forma a que a mesma não figure como mero elemento passivo da escuta do *podcast*, mas antes como parte integrante do seu processo de construção e reconfiguração constante do projecto. Nesse sentido, o contacto permanente com quem escuta revelou-se imperioso desde a primeira hora, tendo sido decisivo para a criação da conta do *Instagram* do *podcast*, como anteriormente se mencionou. É também através desta - a par do e-mail associado ao *podcast* - que as/os autoras/es tomam contacto quotidianamente com as opiniões, críticas, sugestões, questões, em suma, com a percepção colectiva de quem segue o projecto. Desta forma, tais interacções revelam-se essenciais no processo de planeamento dos episódios, mas também no desenho do conteúdo específico de cada um destes. Simultaneamente, os comentários e mensagens recebidos⁶⁴ enfatizam o potencial pedagógico do *podcast*,

64 Para além destes, no momento também estamos a solicitar depoimentos para demonstrar o impacto do *podcast*, no sentido de apresentar candidaturas a financiamento a instituições relevantes. Até a data da redacção deste artigo, já recebemos mais de uma dezena de depoimentos.

ao mesmo tempo que sinalizam preocupações e indagações relativas ao antigo Egipto e Egiptologia sentidas por indivíduos de perfis muito variados, como acima descrito. Por conseguinte, passa-se agora à apresentação e discussão sucintas de algumas instâncias de um todo mais complexo, apontando para a necessidade da acessibilidade da comunicação de teor científico e para o bom acolhimento de acções nesta direcção.

De facto, a preocupação com a inteligibilidade do discurso é algo que perpassa vários comentários recebidos. Com efeito, vários comentários apontam para a satisfação ante a compreensão do conteúdo exposto, por vezes confessando um receio inicial no momento da primeira audição do *podcast* relativamente ao entendimento claro dos temas tratados. Tal é simultaneamente revelador de um desfasamento sentido entre a produção de conhecimento científico e a transmissão do mesmo para públicos extra-académicos e, por extensão, da necessidade de agir em sentido contrário. A noção de “extra-académico” afigura-se particularmente relevante quando os/as ouvintes manifestam o seu agrado pelos episódios não se assemelharem a uma aula ou palestra. Atente-se no seguinte exemplo (Fig. 4):

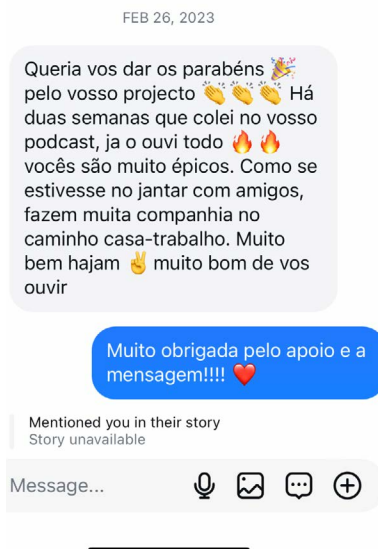


Fig. 4. Mensagem enviada para o *Instagram* @3egiptologuespodcast no dia 26 de Fevereiro de 2023 (captura de ecrã dos/as autores/as).

Conforme se pode observar pela leitura da mensagem recebida no Instagram acima apresentada, a pessoa em causa⁶⁵ revela-se satisfeita pela informalidade e descontração do *podcast*. Paralelamente, a qualificação do *podcast* como “companhia” nos movimentos pendulares reforça a natureza prazerosa de que a experiência da escuta se reveste.

Todavia, nem todos os comentários e mensagens recebidos consistem em elogios e parabenizações ao projecto. Pelo contrário, verificam-se instâncias em que um/a ouvinte endereça as/os criadores/as do *podcast* com uma questão concreta, expressando o ambiente seguro que se pretende fomentar, mas também a acessibilidade do projecto, que se deseja perceptível quer no discurso, quer na responsividade dos/as autores/as. Abaixo, apresenta-se um exemplo destas “perguntas concretas” (Fig. 5):

FEB 15, 2023

Olá queridos egiptólogos! Em Julho vou pela primeira vez ao British Museum (can't wait!) O que devo mesmo não perder, no que diz respeito à egiptologia? Beijinhos e bom trabalho!



Fig. 5. Mensagem enviada para o *Instagram* @3egiptologuespodcast no dia 15 de Fevereiro de 2023 (captura de ecrã dos/as autores/as).

Neste caso concreto, a pessoa ouvinte recorre aos canais de comunicação do *podcast* como fonte de informação e aconselhamento face a uma viagem que realizará a breve trecho. Tal interação aponta para uma dinâmica de confiança estabelecida entre *podcasters* e ouvintes, mas também para o reconhecimento da

65 Explícite-se que, por uma questão de respeito pela privacidade das pessoas, as interações que acontecem de modo privado - ora mensagens directas no *Instagram*, ora e-mails enviados para o endereço do *podcast* - foram aqui anonimizadas (isto é, sem indicação do nome e fotografia do indivíduo), ao contrário daquelas que, pela sua natureza intrínseca, são “públicas”, como sejam os comentários nos *posts* da conta de *Instagram*, que não foram alvo de qualquer tratamento adicional no sentido de perseverar a confidencialidade da interação.

fiabilidade da informação prestada. É de notar que, após a resposta solicitada, a pessoa em questão enviou uma nova mensagem na mesma conversa de *Instagram* remetendo uma fotografia das pinturas provenientes do túmulo de Nebamon, um dos *ex-libris* da colecção sediada na capital britânica e que havia sido explicitamente mencionada no rol de sugestões oferecido à pessoa.⁶⁶ Por outro lado, interrogações deste estilo ajudam a sinalizar as preocupações e curiosidades dos ouvintes, concorrendo para a decisão das temáticas e realidades a abordar em episódios futuros.

Sendo inegável que o *podcast* pretende comunicar com um público muito alargado, com níveis de escolarização muito distintos, importa igualmente dar conta do retorno de utilização do mesmo como ferramenta de aproximação ao antigo Egipto em contexto académico, inclusivamente, junto de quem pretende ingressar numa formação egiptológica. A mensagem recebida visível abaixo evidencia um exemplo significativo (Fig. 6):

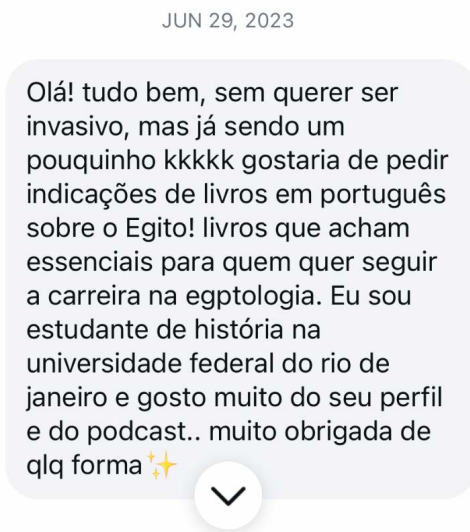


Fig. 6. Mensagem enviada para o *Instagram* @3egiptologuespodcast no dia 29 de Junho de 2023 (captura de ecrã dos/as autores/as).

66 O túmulo de Nebamon data da XVIII Dinastia e encontra-se em Tebas. A localização específica do túmulo foi perdida e as pinturas que hoje encontram-se no Museu Britânico são o que nos resta. Para mais informações, veja-se o livro sobre o túmulo e suas pinturas publicado por Parkinson (2008).

Interações como a acima indicada evidenciam o potencial de comunicação também com indivíduos afins a um contexto académico, algo que deve ser contextualizado num quadro de parco - ainda que indiscutivelmente existente - investimento egiptológico observável em ambas margens do Atlântico.⁶⁷ Pode igualmente admitir-se que a existência de um projecto levado a cabo por académicas/os que declaradamente se propõem a comunicar com públicos mais vastos torna menos assustadora a colocação de perguntas - incluindo as de pendor mais académico - face ao cenário de ter de interagir com profissionais afiliados/as a instituições universitárias, eventualmente percebidos/as como mais distantes e menos acessíveis.⁶⁸ Com efeito, a pessoa em causa apresenta-se como “estudante de História na universidade federal do rio de janeiro”, ou seja, como alguém habituado aos meandros académicos mas que - seja porque não encontra um/a interlocutor/a conhecedor/a na matéria na sua instituição, seja porque se confronta com algum impedimento que obsta o questionamento junto de alguém que frequenta o mesmo contexto académico que o seu - escolhe os veículos de comunicação do *podcast* como *locus* privilegiado para sanar a sua dúvida.

A disponibilidade e acessibilidade com que as/os autores do *podcast* se pretendem apresentar e inserir na *podoesfera* de forma lata propicia também que os/as ouvintes se sintam cómodos/as o suficiente para endereçar temas da ordem do dia perspectivados como potencialmente polémicos. Um caso exemplificativo ocorreu na sequência do lançamento da série *Queen Cleopatra* (Netflix, 2023) e da controvérsia em torno da cor de pele da actriz escolhida para interpretar a última soberana ptolemaica do Egipto (Fig. 7):⁶⁹

67 A dificuldade de estudar a egiptologia no Brasil e em Portugal já foi discutida em vários artigos. Para mais informações, consulte-se: Araújo 2000, 2003; Lemos 2014; Rocha 2017, 2019.

68 Para diversas perspectivas sobre o problema da “torre de marfim” e a academia, ver: Angelini 2015; Pereira Rocha 2021; Buckley et Du Toit 2010.

69 A respeito da intersecção entre Cleópatra VII e a questão étnico-racial veja-se Rosillo López 2019.

MAY 11 AT 7:34 PM

Olá, grande fã, já viram a série Cleópatra? Polémica em relação à cor da pele, sendo de origem Grega não seria mais razoável ser uma pele mais clara, não que isso tenha alguma importância, apenas por coerência histórica, abraço e continuem com o belo trabalho

MAY 18 AT 9:27 PM

Olá, muito obrigada! A Inês conversou com a CNN de Portugal sobre o assunto, se quiser procurar a entrevista :)

Fig. 7. Mensagem enviada para o *Instagram* @3egiptologuespodcast em Maio de 2023 (captura de ecrã dos/as autores/as).

Embora a questão concreta da identificação étnico-racial da monarca lágida se situe muito para lá do escopo do presente artigo, a mensagem enviada indicia uma atenção e acompanhamento de temas relacionados com o antigo Egipto e Egiptologia discutidos na ordem pública. Simultaneamente, é interessante notar o uso do conceito de “coerência histórica”, eventualmente apontando para um posicionamento pessoal relativamente ao assunto em causa, ao mesmo tempo que se parece desvalorizar o debate em torno da questão. Sublinhe-se ainda como o/a ouvinte parte de um produto audiovisual proveniente da cultura popular para interrogar três académicos/as do campo da Egiptologia a respeito de um assunto “egiptológico” em sentido estrito, exemplificando a íntima conexão entre construção e transmissão de conhecimento científico, por um lado, e influência e recepção do mesmo, por outro. Mais ainda, o facto de interpretações não-académicas do antigo Egipto encerrarem um potencial de reflexão, aprofundamento e até mudanças na visão e entendimento de alguma determinada realidade antiga transparece

igualmente em comentários relativos ao acima mencionado clube de leitura. O comentário abaixo é disso exemplo (Fig. 8):



Fig. 8. Comentário a uma publicação do *Instagram* @3egiptologuespodcast (captura de ecrã dos/as autores/as).

No caso em apreço, a seguidora assevera ter apreciado a leitura da obra *Akhenaton, o Rei Herege* de Mahfouz, precisamente por este livro a ter feito repensar o seu conhecimento e visão a respeito do Período de Amarna, ao ser confrontada com o registo polifónico que atravessa a economia do texto. A valorização da pluralidade de aproximações e leituras do passado, por oposição a uma lógica categoricamente binária ancorada na dialéctica “certo/errado”, é amplamente explorada no conjunto dos episódios do *podcast*, tendo sido particularmente mobilizada na conversa em torno da supra-citada obra de ficção. Paralelamente, a escolha de um livro de Mahfouz - a única pessoa de expressão árabe laureada com o Prémio Nobel da Literatura à data de redacção deste artigo - permite não apenas dar a conhecer aos/às ouvintes um pouco da produção literário-cultural do Egipto contemporâneo, como também contrariar a tendência académica de hipervalorização das instâncias de recepção da Antiguidade no Norte Global e/ou Ocidente, relegando as produzidas nos demais territórios para um segundo

plano.⁷⁰ Dito de outro modo, a leitura e discussão em torno de *Akhenaton, o Rei Herege* sinalizou aos/às ouvintes do *podcast* que a fruição de produtos culturais de temática e inspiração antigo-egípcias não se circunscrevem às grandes produções ao estilo “hollywoodiano”,⁷¹ mas que também podem ser aferidas e usufruídas no tecido cultural do próprio Egípto.

Em articulação com a ideia de “coerência histórica” anteriormente aludida, verifica-se também junto da comunidade de ouvintes uma crescente preocupação com a “fiabilidade” das fontes consultadas, apontando para um cuidado na selecção dos instrumentos de aprofundamento do conhecimento sobre o antigo Egípto. Atente-se no seguinte e-mail recebido na caixa de correio do *podcast*, escassos meses após o início do mesmo (Fig. 9):

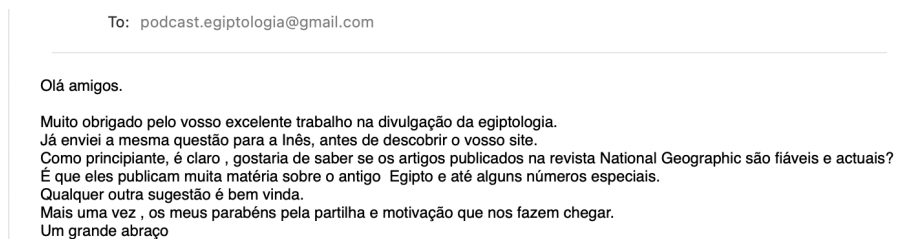


Fig. 9. Email enviado para o endereço podcast.egiptologia@gmail.com no dia 29 de Julho de 2022 (captura de ecrã dos/as autores/as).

Afirmando o seu interesse pelo antigo Egípto, o/a remetente questiona os/as autores do *podcast* a respeito de uma publicação de referência no domínio da divulgação científica - a revista *National Geographic* - em dois eixos fundamentais, a saber, a “fiabilidade” e “actualidade” da informação aí contida. Importa referir que o/a autor/a do e-mail demonstra um certo grau de familiaridade com a referida publicação, estando a par do seu manancial informativo sobre o antigo Egípto, mas aparenta necessitar de um sinal de validação, recorrendo aos/às criadores/

70 Para comentários sobre a importância de estudar a recepção do antigo Egípto fora do Norte Global/Ocidente, ver: A. I. Fernández Pichel 2023.

71 Todavia, a construção das imagens colectivas subjacentes ao (antigo) Egípto não se resume às grandes produções cinematográficas. Pelo contrário, e particularmente nos últimos anos, também as publicações de redes sociais como Instagram, Facebook ou TikTok concorrem para a urdição de ideias e percepções relativas à Antiguidade. Para um exercício etnográfico a respeito dos discursos sobre o antigo Egípto no TikTok veja-se S. Fernández Pichel 2023.

as do *podcast* a quem parece reconhecer idoneidade e seriedade intelectual, algo que surge reforçado pelo pedido de sugestões adicionais de tomada de contacto com conhecimento - deduz-se que igualmente “fiável” e “actual” - alusivo às “Duas Terras”.

A par dos múltiplos pedidos de esclarecimento e de referências com vista ao aprofundamento do conhecimento sobre o antigo Egipto, a escuta do *podcast* em análise é igualmente sentida como uma oportunidade de esbatimento e clarificação de ideias erróneas sobre aquela civilização, nomeadamente, a crença de que Hatchepsut haveria sido a primeira monarca do Egipto do género feminino⁷² (Fig. 10):



Fig. 10. Comentário a uma publicação do *Instagram* @3egiptologuespodcast (captura de ecrã dos/as autores/as).

A partilha da descoberta de um dado novo sobre o antigo Egipto é sintomática da vontade de continuação de acompanhamento do *podcast* e do conteúdo digital que lhe está associado. De resto, a curiosidade manifestada por vários/as seguidores/as em torno da quinta soberana da XVIII dinastia egípcia - que foi sendo mencionada *en passant* em vários episódios, mormente, no “*quiz*” dedicado às rainhas egípcias⁷³ - motivou a que se optasse por lhe dedicar um episódio por inteiro.⁷⁴ Tal decisão atesta, novamente, o carácter participativo da comunidade de ouvintes no desenho e programação do percurso do *podcast* como um todo, impactando a temática dos episódios, mas também, como anteriormente se referiu,

72 Sobre a questão do género de Hatchepsut e problemas decorrentes da interpretação académica “tradicional” do mesmo veja-se: Matić 2016; Diamond 2020.

73 Episódio 15 - “As Rainhas dos Nossos Corações” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/15--Pod-Quiz-4-As-Rainhas-dos-Nossos-Coraes-e1teh50/a-a9611tm>, consultado a 21.10.2024).

74 Episódio 31 - “Hatchepsut” (<https://podcasters.spotify.com/pod/show/egiptologia/episodes/31--Hatchepsut-e2pn7ci>, consultado a 21.10.2024).

a forma como os/as criadores/as interagem no espaço digital. Trata-se, portanto, de uma via de mão dupla: a publicação dos episódios e a alimentação das redes sociais viabilizam o diálogo com a comunidade de ouvintes ao passo que essa mesma interacção influi no conteúdo produzido e oferecido.

Paralelamente, importa tomar em linha de conta que a diversidade de perfis dos membros da comunidade de ouvintes se plasma também em diferentes motivações e interesses para seguir o *podcast*. Assim, a par de uma curiosidade geral sobre o antigo Egipto, verificam-se igualmente casos em que o projecto se reveste de uma utilidade prática, nomeadamente, em contexto pedagógico-escolar (Fig. 11):



Fig. 11. Email enviado para o endereço podcast.egiptologia@gmail.com no dia 20 de Novembro de 2022 (captura de ecrã dos/as autores/as).

O e-mail acima exposto foi enviado por um professor de História do ensino básico e secundário, formando, deste modo, parte do corpo docente de uma escola em Portugal. Para além de reconhecer a utilidade “pública” do *podcast*, partilha o interesse manifesto pela comunidade discente em torno do antigo Egipto ao mesmo tempo que se revela alguém com conhecimento sobre o antigo Egipto. Note-se que a partilha testemunhal é acompanhada de uma proposta de temáticas concretas para episódios futuros e de um pedido de recomendações de leituras sobre outros tópicos concernentes ao antigo Egipto. Embora o autor do e-mail não refira explicitamente que o conteúdo em causa será por este mobilizado em contexto de sala de aula, é relevante notar que o alcance do *podcast* junto de docentes pode igualmente surtir efeitos a esse nível. Nessa medida, o *podcast* afigura-se como

um produto que interessa a ouvintes de um amplo espectro - etário, geográfico, mas também profissional.

Malgrado o acolhimento francamente positivo - aferido subjetivamente, mas comprovado pelos dados quantitativos e qualitativos aqui enunciados - importa igualmente dar conta de que essa recepção favorável não é um dado universal. Não corresponde à intenção dos/as autores/as deste artigo (e do *podcast* a que este se refere) enveredar por uma dinâmica auto-bajuladora que tomaria este produto como imune à crítica ou alheio a qualquer olhar negativo. Pelo contrário, os problemas sentidos *vis-à-vis* o *podcast* começam logo no seu próprio título, como atesta a seguinte avaliação deixada na página de *Três Egiptólogos Entram num Bar* no *Apple Podcasts* (Fig. 12):

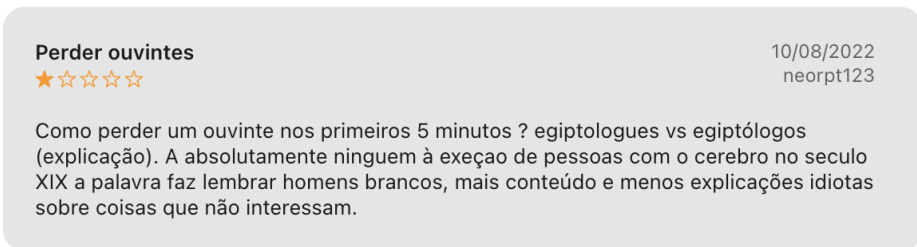


Fig. 12. Avaliação e respectivo comentário na plataforma *Apple Podcasts* no dia 10 de Agosto de 2022 (captura de ecrã dos/as autores/as).

O/a autor/a desta apreciação desfavorável ao *podcast* insurge-se contra a explicação avançada no início do primeiro episódio com vista ao esclarecimento das razões que levaram à utilização da dita “linguagem inclusiva” no título do *podcast* - fazendo assim com que o colectivo para profissionais de Egiptologia seja dado pela vogal “e” em vez do masculino plural tido como “supostamente neutro”⁷⁵ - seja correspondente a um esforço de maior inclusão e um compromisso de respeito pela diversidade asseverado pelos/as criadores/as. Sublinhe-se que não apenas o/a ouvinte parece desvalorizar o raciocínio apresentado, como este também constituiu um factor desmotivador para continuar a ouvir o episódio,

75 Para reflexões sobre a ilusão do masculino plural como neutro na língua portuguesa e alusivas à urgência de se (re)pensar uma linguagem inclusiva nesse idioma em ambos lados do Atlântico, nomeadamente, em contexto de ensino-aprendizagem, ver, entre outros: Cerqueira et Magalhães 2018; Fischer 2020; Coutinho Vicente et al. 2022.

posto que é dito que apenas os cinco primeiros minutos foram escutados. Tal instância exemplifica a importância de considerar todos os elementos de um produto de divulgação de conhecimento científico, incluindo o próprio título, posto que cada componente pode agir em favor ou contra o alcance por parte de uma comunidade de ouvintes que é plural, diversa e em crescente expansão. Por outro lado, o exemplo em causa surge também como recordatório da virtual impossibilidade de agradar a todos/as quantos/as se aproximarem do *podcast*, mesmo que empreendidos todos os esforços nesse sentido.

Notas finais

Projectos como *Três Egiptólogos Entram num Bar* representam uma oportunidade de diálogo entre académicos/as e pessoas interessadas no antigo Egipto para lá da esfera académica. Não obstante, diversos factores continuam a obstar à prossecução de tal intuito, à cabeça, a generalizada falta de financiamento alocado a este tipo de actividades, fazendo com que a disseminação de conhecimento académico-científico permaneça um exclusivo de quem pode abdicar de algum tempo para nela investir, frequentemente sem qualquer retorno. Nesse sentido, é fundamental modificar a percepção colectiva em torno da divulgação científica, perspectivando-a como trabalho académico, imprescindível para a contínua valorização societária do avanço do conhecimento científico. Dito de outro modo, projectos que visam o grande público devem estar no centro das preocupações da comunidade académica como um todo, com vista à democratização do acesso ao conhecimento,⁷⁶ algo que tem vindo paulatinamente a ser cada vez mais valorizado pelos/as próprios/as académicos/as.⁷⁷ Ainda assim, o investimento e dedicação à divulgação científica continua a comportar um certo estigma junto da comunidade académica,⁷⁸ o que, aliado à supra-mencionada falta de apoio institucional dificulta a verificação de um maior número de iniciativas nesse sentido.

76 Ellison et Eatman 2008.

77 Hoffman 2021.

78 Pietila et al. 2023; Williams 2022.

Paralelamente, importa referir que o *podcast* em discussão é parte de um esforço mais vasto assumido não apenas pelos/as criadores/as do mesmo, mas também por muitos/as outros/as colegas, para consolidar e fazer as Egiptologias lusófonas.⁷⁹ O carácter frequentemente descrito como “periférico” da prática egiptológica em Portugal e no Brasil⁸⁰ não encontra, contudo, eco numa falta de interesse pelo antigo Egipto observável em ambos países. Ao invés, o acolhimento que o *podcast* tem merecido dos dois lados do Atlântico, a par de diversas outras iniciativas de divulgação de conhecimento egiptologia em língua portuguesa, aponta para uma vontade de tomada de conhecimento sobre aquela civilização antiga, bem como pela Egiptologia enquanto campo de estudo,⁸¹ apesar da escassez de recursos e infra-estrutura para prosseguir uma carreira egiptológica em contexto lusófono. Por outro lado, o crescente desinvestimento nas Ciências Sociais e Humanas - sentido em diversas geografias, incluindo Estados Unidos da América e Europa - repercute de forma ainda mais severa em países em que tais disciplinas nunca foram devidamente apoiadas, incluindo o próprio Egipto.⁸² Ante tal contexto, a necessidade de demonstração da relevância destas áreas científicas e do contributo que as mesmas podem oferecer à sociedade avoluma-se, impactando igualmente o estudo do mundo antigo, em geral, e do antigo Egipto, em particular.

Importa ainda tomar em linha de conta que o envolvimento em projectos de disseminação científica, de que este *podcast* constitui um exemplo, concorre favoravelmente para o crescimento científico dos/as académicos/as que neles participam, contribuindo para moldar interesses e questões de investigação, mas sobretudo auxiliando na melhoria da comunicação de projectos e resultados de pesquisa,⁸³ algo fundamental face à urgência de clarificação da relevância do valor que as Humanidades representam para a sociedade.⁸⁴ Almeja-se assim

79 Um projecto importante nesse sentido é o *Mundo Antigo em Resenha (Revista MAR)*, um repositório de resenhas de livros escritos sobre o mundo antigo em ambos português e espanhol. Tais livros geralmente não são resenhados porque não são acessíveis para académicos que não falam português e espanhol. As resenhas podem ser acessadas em seu site (<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/revmar/index>, consultado a 21.10.2024). Para a importância do projeto, ver Rocha da Silva 2024.

80 Isso é óbvio, por exemplo, na falta de capítulos sobre Portugal ou Brasil em um recente volume sobre “Egiptologia global”: Bednarski et al. 2021.

81 Ver as seguintes contas de Instagram: @umaegiptologaportuguesa, @laboratorioseshat, @maatufn.

82 Para projetos de disseminação científica no próprio Egipto, ver: Keshk 2023; Pitkin et al. 2020.

83 Para discussões sobre a importância da disseminação científica para a formação de académicos e suas áreas de pesquisa, ver Sims Bartel et Castillo 2021.

84 Ver Campbell (2005) para o potencial de *podcasts* no ensino superior.

que a discussão aqui endereçada estimule outros/as académicos a engajarem-se com públicos não-académicos, contribuindo para a percepção da relevância da prática académico-científica, mas também alertando para a necessidade de tornar a dita prática e os discursos que a acompanham acessíveis a um número crescente de indivíduos.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, Isabel Gomes. 2020. "Ancient Near Eastern Studies and the Portuguese academia: a Love-Affair under Construction." In *Perspectives on the History of Ancient Near Eastern Studies*, coord. A. García-Ventura et L. Verderame, 222-36. Philadelphia: Eisenbrauns.
- Angelini, Ronaldo. 2015. "Defendendo a Torre de Marfim." *Boletim ABLimno* 41(2): 15-19.
- Araújo, Luís Manuel. 2000. "Egiptologia em Portugal." *Cadmo* 10: 57-94.
- Araújo, Luís Manuel, et José Nunes Carreira. 2003. "L'Égyptologie au Portugal: le passé et le futur." In *Egyptology at the Dawn of the Twenty-first Century. Proceedings of the Eighth International Congress of Egyptologists*. Vol. 3, *Language, Conservation, Museology*, coord. Z. Hawass, 275-80. The American University in Cairo Press.
- Arroyo, Victoria. 2021. *Mudanças e Permanências No Mobiliário Funerário Em Cemitérios de Não-Elite Do Reino Novo e Do Terceiro Período Intermediário: Um Estudo Sobre o Papel Dos Amuletos*. Dissertação de Mestrado Universidade de São Paulo.
- Bakos, Margaret. 2004. *Egiptomania: O Egito no Brasil*. São Paulo: Paris Editorial.
- Bednarski, Andrew, Aidan Dodson, et Salima Ikram, coord. 2021. *A History of World Egyptology*. Cambridge University Press.
- Ben-Marzouk, Nadia, et Danielle Candelora. 2020. "Podcast for Public Engagement." In *An Educator's Handbook for Teaching about the Ancient World*, coord. P. Durgun, 199-201. Oxford: Archaeopress.
- Bottentuit Junior, João Batista, Eliana Santana Lisboa, et Clara Pereira Coutinho. 2009. "Podcast: Uma Revisão dos Estudos Realizados no Brasil e em Portugal." In *Actas do Encontro sobre Podcasts*, coord. A. A. Carvalho, 293-98. Braga: CIEd.
- Buckley, Sheryl, et Adeline Du Toit. 2010. "Academics Leave your Ivory Tower: Form Communities of Practice." *Educational Studies* 36(5): 493-503.
- Campagno, Marcelo. 2005. "Le roi et la Naissance de l'État Égyptien: un Regard Rétrospectif." *Les dossiers d'archéologie* 307: 74-81.
- Campbell, Gardner. 2005. "There's Something in the Air: Podcasting in Education." *EDUCAUSE* Novembro/Dezembro: 33-46.
- Candelora, Danielle. 2017. "Defining the Hyksos: A Reevaluation of the Title HqA xAswt and its Implications for Hyksos Identity." *JARCE* 53: 203-21.
- . 2018. "Entangled in Orientalism: How the Hyksos became a Race." *JEGH* 11(1-2): 45-72.
- Caramelo, Francisco, et Maria Helena Trindade Lopes. 2003. "Portuguese Egyptology: New Projects, Museum Studies and Publications." In *Egyptology at the Dawn of the Twenty-first Century. Proceedings of the Eighth International Congress of Egyptologists*. Vol. 3, *Language, Conservation, Museology*, coord. Z. Hawass, 153-156. The American University in Cairo Press.
- Carter, Howard. 1923-1933. *The tomb of Tut.ankh.Amen: Discovered by the late Earl of Carnarvon and Howard Carter*, 3 vols. Londres: Cassell.

- Carvalho, Luciana, Gabriel Cardoso, et Silvia Reis. 2021. *500 Dias de Resgate: Memória, Coragem e Imagem*. Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- Cerqueira, Carla, et Sara Isabel Magalhães. 2018. "(Des)Fazer Género, (Des)Construir Futuros: diálogos sobre linguagem inclusiva e literacia crítica mediática." *Faces de Era: Revista de Estudos sobre a Mulher* 39: 121-28.
- Chapot, Gisela. 2013. "O Grande Hino ao Aton e a Expressão da Teologia Amarniana." *Revista Mundo Antigo* 4: 119-38.
- Kelly-Anne, Diamond. 2020. "Hatshepsut: Transcending Gender in Ancient Egypt." *Gender & History* 32(1): 168-88.
- Dodson, Aidan. 2012. *Afterglow of Empire: Egypt from the Fall of the New Kingdom to the Saite Renaissance*. American University in Cairo Press.
- El-Daly, Okasha. 2008. *Egyptology: The Missing Millennium. Ancient Egypt in Medieval Arabic Writings*. London: UCL Institute of Archaeology.
- Ellison, Julie, et Timothy K. Eatman. 2008. "Scholarship in Public: Knowledge Creation and Tenure Policy in the Engaged University." *Imagining America: Arts and Scholars in Public Life, Tenure Team Initiative on Public Scholarship* 16: ii-42.
- Fernández Pichel, Abraham I. 2023. "Introduction: 'Ich mache mir die (ägyptische) Welte, wie sie mir gefällt' (Egypopcult Project)." In *How pharaohs became media stars: ancient Egypt and popular culture*, coord. A. I. Fernández Pichel, 1-8. Oxford: Archaeopress.
- Fernández Pichel, Samuel. 2023. "Of Mummies and Memes: A Digital Ethnographic Approach to 'Vernacular Egyptology' on TikTok." In *How Pharaohs Became Media Stars: Ancient Egypt and Popular Culture*, coord. A. I. Fernández Pichel, 225-239. Oxford: Archaeopress.
- Fischer, André. 2020. *Manual Prático de Linguagem Inclusiva*. São Paulo: Tecidas.
- Frizzo, Fábio. 2020. "Estado e hierarquização social na Baixa Núbia durante o Reino Novo Egípcio (1550-1070 a.C.)." *Revista de História* 179: 1-22.
- Hoffman, Andrew J. 2021. *The Engaged Scholar: Expanding the Impact of Academic Research in Today's World*. Stanford University Press.
- Jham, Bruno C., Gabriela V. Duraes, Howard E. Strassler, et Luis G. Sensi. 2007. "Joining the Podcast Revolution." *Journal of Dental Education* 72 (3): 278-81.
- Jurman, Claus. 2022. "Pharaoh's New Clothes. On (Post)colonial Egyptology, Hypocrisy, and the Elephant in the Room." *Propylaeum*. doi: 10.11588/propylaeumdok.00005396.
- Kemp, Barry. 2013. *The City of Akhenaten and Nefertiti: Amarna and its People*. London: Thames & Hudson.
- Keshk, Fatma. 2023. "Heritage Outreach in Egypt Today." *Archaeologies: Journal of the World Archaeological Congress* 19 (1): 28-38.
- Langer, Christian, coord. 2017. *Global Egyptology: Negotiations in the Production of Knowledges on Ancient Egypt in Global Contexts*. London: Golden House.
- Lemos, Rennan. 2014. "Introdução: Panorama da Egíptologia no Brasil." In *O Egito Antigo: Novas contribuições Brasileiras*, coord. R. Lemos, 20-37. Rio de Janeiro: Luminária Academia.

- Lemos, Rennan de Souza. 2014. "Amarna: Pintando uma Nova Paisagem." In *Senna: Estudos de Egíptologia I*, coord. A. Brancaglion Junior, T. Rocha da Silva, R. de Souza Lemos et R. Teixeira dos Santos, 65-75. Rio de Janeiro: Seshat - Laboratório de Egíptologia do Museu Nacional.
- Lemos, Rennan, et Fábio Frizzo. 2019. "Potes, Pratos e Contatos Culturais: Práticas Alimentares na Núbia durante o Reino Novo (c. 1550-1070 a.C.)." *Mare nostrum* 10 (1): 93-114.
- Matić, Uroš. 2016. "(De)queering Hatshepsut: Binary Bind in Archaeology of Egypt and Kingship Beyond the Corporeal." *Journal of Archaeological Method and Theory* 23: 810-831.
- McGarr, Oliver. 2009. "A Review of Podcasting in Higher Education: Its Influence on the Traditional Lecture." *Australasian Journal of Educational Technology* 25 (3): 309-21.
- Moeller, Nadine. 2005. "The First Intermediate Period: A Time of Famine and Climate Change?" *Ägypten und Levante* 15: 153-67.
- Moreno García, Juan Carlos. 2015. "Climatic Change or Sociopolitical Transformation? Reassessing Late 3rd Millennium BC in Egypt." In *2200 BC - Ein Klimasturz als Ursache für den Zerfall der Alten Welt? / 2200 BC - A Climatic Breakdown as a Cause for the Collapse of the Old World? 7. Mitteldentscher Archäologentag vom 23. bis 26. Oktober 2014 in Halle (Saale) / 7th Archaeological Conference of Central Germany October 23-26, 2014 in Halle (Saale)*, coord. H. Meller, H. Wolfgang Arz, R. Jung et R. Risch, 79-94. Halle: Landesmuseum für Vorgeschichte.
- Moser, Stephanie. 2014. "Legacies of Engagement: The Multiple Manifestations of Ancient Egypt in Public Discourse." In *Histories of Egyptology*, coord. W. Carruthers, 242-52. London: Routledge.
- Moura, Adelina, et Ana Amélia A. Carvalho. 2006. "Podcast: Potencialidades na Educação." *Prisma.com* 3: 88-110.
- Navratilova, Hana., Thomas L. Gertzen, Aidan Dodson, et Andrew Bednarski, eds. 2019. *Towards a History of Egyptology: Proceedings of the Egyptological Section of the 8th ESHS Conference in London, 2018*. Münster: Zaphon.
- Navratilova, Hana, Thomas L. Gertzen, Marleen De Meyer, Aidan Dodson, et Andrew Bednarski. 2023. *Addressing Diversity: Inclusive Histories of Egyptology*. Münster: Zaphon.
- Nyord, Rune. 2018. "'Taking Ancient Egyptian Mortuary Religion Seriously': Why Would We, and How Could We?" *Journal of Ancient Egyptian Interconnections* 17: 73-87.
- Oliveira, Lucca Correa Viana de. 2022. "O Podcast no Ensino de Ciências da Natureza: Uma Revisão Bibliográfica no Brasil e em Portugal." *Recital* 4 (1): 188-200.
- Parkinson, Richard. 1999. *Cracking Codes: The Rosetta Stone and Decipherment*. Berkeley: University of California Press.
- . 2008. *The Painted Tomb Chapel of Nebamun*. Londres: British Museum Press, 2008.
- Pereira Rocha, Elaine. 2021. "Quando Bárbaros Invaíram a Torre de Marfim." In *Comunicação, Cultura e o Outro*, coord. C. Domingos de Almeida, R. de Cássia Domingues dos Santos et N. Terena de Jesus, 53-71. Bagé: Editora Faith.
- Pietilä, Maria, Jouni Kekäle, et Katri Rintamäki. 2023. "Broadening the Conception of 'What Counts' – Example of a Narrative CV in a University Alliance." Presented at the International Conference on Science, Technology, and Innovation (STI). doi: 10.55835/644192caf38f9678c0feaff0.
- Pitkin, Melanie, Helen Strudwick, Julie Dawson, et Sara Hany Abed. 2020. "Engaging Audiences in Areas of Low Cultural Provision: The Concept of the 'Pop-Up' Museum Experience." *CIPEG Journal* 4: 37-53.

- Price, Robyn. 2020. "Inspiring Student Motivation through Multimodal Learning." In *An Educator's Handbook for Teaching about the Ancient World*, coord. P. Durgun, 52-67. Oxford: Archaeopress.
- Riggs, Christina. 2021. *Treasured: How Tutankhamun Shaped a Century*. Londres: Atlantic Books.
- Robinson, Andrew. 2011. "Styles of decipherment: Thomas Young, Jean-François Champollion and the Decipherment of the Egyptian Hieroglyphs." *SCRIPTA: International Journal of Writing Systems (The Hunminjeongeum Society)* 3: 123-32.
- Rocha da Silva, Thais. 2017. "Tropical Egypt: The Development of Egyptology in Brazil and its Future Challenges." In *Global Egyptology: Negotiations in the Production of Knowledges on Ancient Egypt in Global Contexts*, coord. C. Langer, 161-172. Oxford: Oxbow.
- . 2019. "Brazilian Egyptology: Reassessing Colonialism and Exploring Limits." In *Towards a History of Egyptology: Proceedings of the 8th ESHS Conference in London, 2018*, coord. H. Navratilova, T. L. Gertzen, A. Dodson et A. Bednarski, 127-46. Münster: Zaphon.
- . 2024. "Mundo Antigo em Resenha (MAR). Bringing Spanish-Portuguese Scholarship in Egyptology and Ancient Near Eastern Studies to the Greater Academic Community." *Near Eastern Archaeology* 87(3): 209-10.
- Rosillo López, Cristina. 2019. "Black Cleopatra: Discursos sobre Raza y Racismo en el Mundo Contemporáneo." In *Xenofobia y Racismo en el Mundo Antiguo*, ed. F. Marco Simón, F. Pina Polo e J. Remesal Rodríguez, 243-54. Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona.
- Sales, José das Candeias, et Susana Mota. 2019. "A Maldição da Múmia': Relatos na Imprensa Portuguesa sobre a Descoberta do Túmulo de Tutankhamon." *Cadmo* 28: 93-116.
- . 2019b. "Tutankhamon Em Portugal. Relatos Na Imprensa Portuguesa (1922-1939): Um Contributo Para Os Estudos de Recepção Do Antigo Egípto." *Heródoto* 4(2): 27-58.
- . 2020. "Tutankhamun in Portugal: Reports in the Portuguese Press (1922-1939)." *Aegyptiaca* 5: 565-609.
- . 2022. "Egiptologia versus Egiptomania: Em Torno do Conhecimento Global sobre o Antigo Egito." In *Nós Globais: Investigações em Curso sobre Questões da Globalização*, coord. P. Abrantes et E. Lechner, 23-48. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- . 2023. "Recepção Ou Recepções Do Egípto Antigo? Expressões de Globalização Do Conhecimento Sobre o Mundo Antigo." *Revista Del Instituto de Historia Antigua Oriental* 24: 217-30.
- Sims Bartel, Anna, et Debra A. Castillo, coord. 2021. *The Scholar as Human: Research and Teaching for Public Impact*. Ithaca: Cornell University Press.
- Silva, Luiza Osorio G., Guilherme Borges Pires, Inês Torres, et Rennan Lemos, eds. No prelo. *Egiptologias Luso-Brasileiras: Contribuições para uma Discussão Global*. Lisboa: CHAM.
- Solano Fernández, Isabel Maria, et Maria Mar Sanchez Vera. 2010. "Aprendiendo en cualquier lugar: el podcast educativo." *Pixel-Bit. Revista de Medios y Educación* 36: 125-39.
- Swiatek, Lukasz. 2018. "The Podcast as Intimate Bridging Medium." In *Podcasting: New Aural Cultures and Digital Media*, coord. D. Llinares, N. Fox et Richard Berry, 173-87. London: Palgrave MacMillan.
- Trindade Lopes, Maria Helena. 1989. "Hora Zero – A Realidade Portuguesa no Domínio da Antiguidade Pré-Clássica." *Penélope* 2: 143-49.
- Torres, Inês. 2022. *Como é que a Esfinge Perdeu o Nariz? E Outras Curiosidades sobre o Antigo Egito*. Lisboa: Planeta.

- Vicente, André Luíz Coutinho, Leticia de Gusmão Almeida Xavier, Anna Clara Nascimento Fidelis, et Sara Wagner York. 2022. "Linguagem inclusiva de gênero na educação." *Diversidade e Educação* 10 (1): 251-76.
- Von Seehausen, Pedro. 2022. *Ressurgindo das Cinzas como Bennu: Resgate e Possibilidades de Reconstrução da Coleção Egípcia do Museu Nacional*. Tese de Doutorado Museu Nacional-Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Williams, Kate. 2022. "What Counts: Making Sense of Metrics of Research Value." *Science and Public Policy* 49: 518-31.



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA

JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

OBJECTIVOS E ÂMBITO AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica anualmente estudos originais e ensaios relevantes de “estado da arte” em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente Antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, corredor Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo – Revista de História Antiga* não considera o conceito de “Antiguidade” como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também consideradas para publicação, bem como propostas de dossiers temáticos a publicar em números regulares da revista ou números temáticos a publicar em suplemento.

Cadmo – Journal for Ancient History yearly publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published works on the aforementioned subjects are also welcome, as well as proposals for thematic dossiers to be published in regular issues or of thematic issues to be published as a supplement.

CH
-UL

CENTRO DE
HISTÓRIA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA